

RENATO DA SILVA MELO

A HISTORIOGRAFIA USPIANA E OS *ANNALES*

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 1999.

RENATO DA SILVA MELO

A HISTORIOGRAFIA USPIANA E OS *ANNALES*

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História. Orientador: Renato Pinto Venancio.

DEPARTAMENTO DE HISTORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 1999.

À Thaís, Imaculada e Luciane.

## SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	6
II.A HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO: O I. H. G. B E OS PARADIGMAS CONSERVADORES.....	11
III.O CONTEXTO HISTÓRICO E A EXIGÊNCIA DE MUDANÇAS .....	21
IV.A NOVA ESCRITA DA HISTÓRIA .....	29
4.1Gilberto Freyre: um revolucionário conservador.....	30
4.2Sérgio Buarque de Holanda: a História renovada metodologicamente.....	34
4.3Caio Prado Júnior: em busca do sentido.....	38
V. UMA NOVA PROBLEMÁTICA NA HISTÓRIA: OS <i>ANNALES</i> .....	42
5.1 MarcBloch: um medievalista engajado.....	43
5.2LucienFebvre e o combate pela História.....	46
5.3 Fernand Braudel e os tempos plurais da segunda geração.....	48
VI. A PROFISSIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA.....	52
6. 1 As missões francesas com destino ao Brasil.....	57
VII. OS PRIMEIROS HISTORIADORES BRASILEIROS INFLUENCIADOS PELA "ESCOLA DOS <i>ANNALES</i> ".....	61
7.1 Eurípedes Simões de Paula: a Revista de História como reflexo da interdisciplinaridade dos <i>Annales</i> .....	63
7.2Eduardo de Oliveira França: um combatente no Brasil.....	67
7.3Maria Luiza Marcílio e outros influenciados pela "Escola dos <i>Annales</i> ".....	76
VIII. CONCLUSÃO.....	79
BIBLIOGRAFIA.....	81

Monografia de bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade

Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes professores:

Prof Dr. Renato Pinto Venancio

Orientador

Prof. Ronald Polito

Prof Dr. José Carlos Reis

## ***A HISTORIOGRAFIA USPIANA E OS ANNALES***

### I. INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho foi perceber como se processou a inserção da problemática da chamada *École des Annales* no pensamento historiográfico brasileiro. A caracterização desta matriz faz-se necessária ao considerarmos que as formas de recepção de teorias condicionam "a priori" as orientações sobre a reconstrução do passado histórico brasileiro.

Interessados na discussão da produção do conhecimento histórico, suas formas e suas funções no Brasil, detivemo-nos na tentativa de compreensão da influência direta e indireta da revista francesa *Annales VHisioire Economique et Sociale*, fundada em 1929, bem como das obras individuais dos diretores desta revista, posto que a historiografia da França ainda "é de longe a que exerce maior influência teórico-metodológica sobre os latino-americanos"<sup>1</sup>. Por isso, tentamos apreender o processo original de elucubrações conceituais, técnicas e temáticas que fomentaram no Brasil o saber histórico de 1930 até 1970 no Brasil. Destaquemos que Ciro F. Cardoso defende a proposta das duas primeiras gerações dos *Annales*, aproximadamente de 1929 a 1969, como portadora de um discurso radicada no paradigma "iluminista", enquanto que gerações subsequentes teriam aderido ao paradigma "pós-moderno". Nossa pesquisa pretende apenas discutir questões das duas primeiras gerações, pois a partir da década de 70 se tornou mais fácil perceber

---

<sup>1</sup> CARDOSO, Ciro Fíamarion. *Ensaio Racionalistas*. Rio de Janeiro : *Campus*, 1988. p. 94.

a influência da revista francesa na historiografia brasileira. Mas antes de analisarmos o período específico, faremos uma pequena digressão no sentido de compreender os paradigmas originais da produção histórica brasileira. Foi por isso que recorreremos às diretrizes mestras de algumas tendências desenvolvidas no Brasil antes de 1930. Assim, por exemplo, achamos importante demonstrar como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, teve entre seus objetivos reunir pesquisas relacionadas às questões da formação da identidade nacional para desvendar a gênese da Nação brasileira. Em seguida, procuramos pontuar trabalhos que contribuíram para renovar os estudos da História, tanto de brasileiros como de franceses pertencentes à primeira e segunda gerações dos *Annales*, sem a pretensão de esgotar ou mesmo resumir esses trabalhos. Assim, procuramos apenas elencar temáticas desses historiadores para melhor apreensão do nosso objeto. Deve-se observar, ainda, que não tivemos o objetivo de mostrar uma continuidade entre as produções expostas cronologicamente, mas apenas apresentar perspectivas que se assemelhavam, ou não, numa dada modalidade de escrita histórica.

A análise que se propõe é complexa pois, no período referido, várias correntes teóricas e metodológicas estrangeiras orientaram a pesquisa histórica brasileira, tornando difícil a visualização clara e a delimitação segura da influência exclusiva dos *Annales*. O risco que se corre é o de excluir temas, conceitos e autores que estariam sob a sua influência, embora mesclada com outras.

Creio que é essa dificuldade que impediu estudos mais frequentes e aprofundados sobre o tema, gerando uma lacuna na historiografia brasileira, consubstanciada na ausência de crítica mais consistente das referências da

pesquisa histórica no Brasil . A dificuldade em discernir as diversas recepções das ideias estrangeiras no Brasil teve como consequência uma inércia cognitivo-histórica.

Perscrutar as Unhas brasileiras do pensamento historiográfico, levando em consideração a recepção das teorias estrangeiras, se tornou uma necessidade para nos situarmos no debate a que se assiste, notadamente a partir da década de 80. Tal debate concerne ao deslocamento das grandes sínteses históricas em favor da estruturação dos fatores mentais e culturais, assim como diz respeito às discussões sobre "racionalismo" e "irracionalismo", sobre a "crise da história" e a "crise das Ciências Sociais".<sup>3</sup>

Na década de 30, a "escola dos *Annales*" gerenciada pelo medievalista Marc Bloch e o especialista do século XVI, Lucien Febvre, preocupou-se em privilegiar as sínteses macroestruturais; Braudel prosseguiu essa ambição de constituição de uma "história global". Os *Annales* passaram, então, a se dirigir sobretudo aos aspectos coletivos, sociais e mentais da sociedade, procurando uma "articulação global" dos vários níveis, para superar a história tradicional, frequentemente política, *évènementielle* (Simiand) Esta "história global" já feita com o apoio das ciências sociais. Os *Annales* defendem uma pesquisa histórica interdisciplinar, que reúna os diversos saberes sobre o homem em uma unidade. Braudel avança nesse esforço de construção de uma história

---

<sup>2</sup> Não passa despercebido o lamento de Carlos Guilherme Mota quanto escreve que "a polémica, a resenha crítica pouco marcaram os ambientes em que se exercitaram os explicadores do nosso passado", MOTA, Carlos G. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>3</sup> REIS, José Carlos. *Annales: a renovação da História*. Ouro Preto : UFOP , 1996, p. 72.



global pela articulação dos diversos níveis temporais: a longa duração e as oscilações médias e curtas.

A pesquisa historiográfica revela dois aspectos fundamentais da história da história: as alterações teóricas e metodológicas que modificam o conhecimento histórico; as alterações temáticas, ideológicas, os problemas novos que revelam as mudanças ocorridas na realidade histórica. Com os *Annales*, a realidade histórica e o conhecimento passam a ser dinâmicos, estão em constante mudança e se alteram reciprocamente. A realidade deixa de ser estudada como um objeto dotado de propriedades pré-existente à análise, para ser vista como um conjunto de inter-relações em movimento no interior de configurações em constante adaptação.

Um reduzido número de intelectuais, ligados ou não à academia, que queriam produzir uma história que não fosse um discurso justificador da ordem vigente ou excessivamente especializados, defenderam a necessidade da pesquisa interdisciplinar e assumiram o discurso dos *annalistes*. Eles passaram a fazer a história com as técnicas, conceitos e fontes das ciências sociais, como propunham Febvre, Bloch e Braudel, os diretores da Revista francesa da primeira e segunda gerações.

A recepção dos *Annales* pela historiografia brasileira não significou um "modismo", uma adesão apressada às "coisas novas" oferecidas por um modelo estrangeiro, mas sim teve uma correlação estreita e contínua com as nuances, tendências e rumos que tomaram os acontecimentos no Brasil. A partir dos anos 30, a historiografia

---

<sup>4</sup> A literatura predominante até por volta de 1930 caracterizava-se, entre outros, pela justificativa da ação do Estado e pelo discurso benevolente das atitudes das oligarquias (que estavam em crise).

brasileira, sempre relacionada às práticas sociais dos sujeitos históricos em suas várias manifestações, se deparou com a emergência de novos atores sociais e com uma nova articulação desses sujeitos, tendo, por isso mesmo de procurar modelos teóricos que lhe permitissem pensar a realidade subjacente ao processo de aceleração do desenvolvimento capitalista no Brasil.

## II. A HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO: O I. H. G. B. E OS PARADIGMAS CONSERVADORES

Na Grécia antiga, quando se passa a afirmar que a terra, considerada como um disco plano, constitui-se como base de um triângulo isósceles que tem por ápice um astro como o sol, está-se, concomitantemente, dessacralizando entidades míticas divinas como o "sol," "terra," "lua," até então deuses e semideuses. Esse processo deu início à atitude filosófica nova do homem diante de todas as coisas. De um sistema de explicações de tipo genético que faz homens e coisas nascerem biologicamente de deuses e forças divinas, como ocorre no mito, passa-se a buscar explicações nas próprias coisas. Neste sentido, urge a necessidade de historiar atitudes, acontecimentos, guerras, etc, seja como processo socializador via *doxa*, seja como modelo de formação em busca da *episteme*. Daí nascendo variantes de saber, como *ta mathémata a historia*. Se a matemática surge como um saber de base das ciências naturais, a História se forma como a mais antiga das ciências sociais, pois é ela que faz a primeira indagação sobre o homem, o presente e o passado, como podemos perceber nos logógrafos e cronistas, e mesmo nos grandes historiadores da Antiguidade clássica.

Na América portuguesa, com a *Carta* de Pêro Vaz de Caminha, é lançada a coordenada geral de nossa evolução histórica e literária. O deslumbramento diante da terra, a par com o impulso épico para a ação e a aventura revelam o anseio comum existente desde os contatos inicial do europeu com a paisagem americana: conhecimento, identificação e integração. A história também emerge em pioneirismo com o primeiro

esboço de elaboração sobre o nosso passado com a obra de frei Vicente de Salvador, *História do Brasil* (1627). Assentada no plano cronológico, o pitoresco, o anedótico e o sobrenatural se entremeiam com os fatos históricos. Em 1730 temos *A História da América portuguesa*, de Rocha Pita, cronológica e relativamente imparcial; apesar de apologética, essa obra assinala um novo degrau no conhecimento do nosso passado. Um grande progresso também é observado na *História do Brasil*, de Roberto Southey (1810), no qual o sobrenatural é abandonado em troca de uma cuidadosa indicação das fontes, e do alargamento do horizonte conhecido. Como afirma Maria Opila: "Southey teria uma concepção essencialmente intuitiva e sensível da história, o que lhe permitia, aliás, desenvolver um método imaginativo de revivência empática do passado."<sup>3</sup>

Somente estudando os aspectos da realidade histórica é que encontramos a definição de nosso objeto em seus próprios termos e em sua generalidade como processo. O esforço de tentar classificar os objetos estudados, a reflexão sobre a sensibilidade histórica, permite situar a historiografia dentro de uma fase específica da consciência histórica.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, teve como um de seus objetivos incentivar pesquisas relacionadas às questões da formação da identidade nacional, quero dizer, da gênese da Nação brasileira. É importante sublinhar esse marco fundamental da historiografia brasileira pela profunda influência que exerceu alhures. Acredita-se que a pesquisa histórica, introduzida no Brasil pela ação do IHGB, objetivando coligir, metodizar, publicar ou arquivar documentos necessários à História,

---

<sup>3</sup> DIAS, Maria Opila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo: Cia.

estava, nos meados do século XIX, perfeitamente entrosada com as modernas correntes do pensamento histórico em vigor nos centros europeus renovadores dos estudos históricos. Estava de acordo, sobretudo, com a Escola Histórica Alemã que colocava no **documento e na crítica** os acentos que permitiam à História tornar-se científica. Disto temos o historicismo como uma influência intelectual também marcante na origem do IHGB, "dando coerência interna ao discurso dos fundadores e articulação ideológica e institucional às condições políticas dominantes no período, de afirmação conservadora",<sup>6</sup> defendendo a unidade política da nação segundo o modelo de governo do Império. Da mesma maneira que na Alemanha se fazia apelo à História para justificar as reivindicações da unificação nacional, o Império brasileiro também procurava na História as bases da nacionalidade. Desta forma temos um projeto historiográfico articulado com um mais geral no âmbito do político, "sem contudo pressupormos com isso que aquele se define a partir de um reflexo deste último, o que colocaria a produção historiográfica como mera ilustração do exercício da política,"<sup>7</sup> pois, com certeza, essa concepção seria um reducionismo empobrecedor da riqueza dialética da qual se estrutura a realidade.

Graças ao IHGB, um imenso trabalho de investigação documental foi realizado em numerosas províncias do império e do estrangeiro, assim como foram realizados concursos,<sup>8</sup> conferências e a edição de uma Revista.

---

Ed. Nacional, 1974, p. 60.

<sup>6</sup> WEHLÍNG, Arno. Historicismo e concepção de história nas origens do IHGB. In: *Origens do JHGB*. Rio de Janeiro: O Instituto, 1989. pp. 43-57, p. 45.

<sup>7</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz L, Salgado. A revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e os temas de sua historiografia (1839-1857). Conferência pronunciada no IHGB no dia 14 de setembro de 1989.

O IHGB teve como modelo o Instituto Histórico de Paris, criado em 1833, e que contava com as simpatias oficiais de ministros e políticos. O Instituto francês, além de contar com sócios brasileiros, ocupou-se por vezes de nossos temas. Pouco depois, em 38, seria criado Instituto semelhante no Brasil.<sup>9</sup> Como o francês, o brasileiro contou com as graças oficiais, notadamente de Dom Pedro II. O Instituto Histórico Brasileiro teve relevo no quadro nacional devido ao prestígio da Revista que editava, sendo mais regular inclusive do que a sua versão francesa. Ao analisarmos a origem social dos membros do Instituto do Brasil no século XIX, percebemos que grande número deles são titulados: barões, marqueses, ou ministro de Estado, conselheiros do Império, deputados, senadores e altos funcionários. O desempenho do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro seria segundado pelos Institutos Históricos em diferentes Províncias, criados ainda no Império. Vários municípios mineiros também tiveram os seus, como Juiz de Fora, Ouro Preto, e outros. O certo, porém, é que poucos organismos exerceram papel marcante, consumindo-se sobretudo em solenidades públicas, dirigidos por figuras de prestígio social e político, entregues às comemorações de datas de episódios e de exaltação de homens considerados importantes pela perspectiva do oficialismo. É o que se vê pela crónica voltada para

---

<sup>8</sup> C. F. Von Martius, que era alemão e conhecia bem o Brasil, ganhou um destes prémios em 1845 com um trabalho intitulado "Como se deve escrever a História do Brasil". Este texto abria perspectivas conceituais e metodológicas que poderiam propiciar o aparecimento e a prática de uma historiografia *ajournée* e realmente reconhecida.

<sup>9</sup> O mesmo se daria mais tarde, em 1896, com a Academia Brasileira de Letras, cujo modelo foi a Academia Francesa, criada no século XVII.

festejar os poderosos do dia ou os fatos de ontem, sem análise crítica, restrita apenas aos exercícios oratórios. Os Institutos que conservam arquivos ou publicam revistas sempre merecem consideração, ainda que as edições sejam de qualidade média ou sem critério seletivo. Quanto à análise dos primeiros números da Revista do IHGB, deparamos com preocupações relativas à busca de documentos, ao antilusitanismo, ao indianismo romântico, assim como, percebemos influências do Iluminismo, do historicismo já citado, além da historiografia romântica francesa, tais como Guizot, Thierry e outros. Em suma, a referida publicação acompanhava e refletia no plano político a busca que no plano político o país fazia de sua afirmação.

O IHGB produziu uma historiografia de duas tendências que ora correm paralelas, ora se fundem: uma eminentemente erudita, influenciada pelas correntes de erudição europeias, valorizando a exegese de textos, que teve seu expoente na obra de Varnhagen, outra, mais retórica ou discursiva, gênero Pereira da Silva. Ambas se caracterizam por valorizar o papel dos personagens na História e por uma noção vaga e imprecisa de povo, encarado como uma abstração atuante na História, de uma forma que lembra a ideia que Michelet tinha da participação de *Povo* na História. Há nessa historiografia uma concepção providencialista e evolucionista do processo histórico.

Von Martius, no seu ensaio "Como se deve escrever a História do Brasil," diz que tanto a História dos povos "quanto a dos indivíduos nos mostram que o gênio da história que conduz o gênero humano por caminhos cuja sabedoria sempre devemos reconhecer, não poucas vezes lança mão de cruzar as raças para alcançar os mais sublimes fins da

ordem do mundo."<sup>10</sup>

Nesse texto, o autor chama-nos a atenção, entre outros objetivos, de que jamais será permitido questionar a vontade da "providência," que predestinou o Brasil a uma mescla de povos, abrindo portanto a discussão da composição tríade de nossa formação; isso, como sabemos, será explorado por Gilberto Freyre mais à frente. Dessa forma, segundo Martius, a mistura de brancos, negros e índios, típica da formação histórica brasileira, aparece como desígnios da Providência. Este autor propõe, ao pesquisador, inserir a História nacional num processo superior de desenvolvimento da humanidade, uma vez que o Brasil estava num desenvolvimento progressivo!

Francisco Adolfo Varnhagen, com sua *História Geral do Brasil* (1854), se sobressai como um historiador importante do século XIX. Sua perspectiva histórica, construída essencialmente com documentos, marca uma nova atitude no trato dos mesmos, com análise crítica rigorosa. É uma história factual, político-administrativa, mas também uma história das elites, que retrata os preconceitos de classe do autor. Varnhagen foi estimulado pelas circunstâncias felizes de sua carreira profissional na diplomática, o que lhe possibilitou uma longa permanência em países europeus, sobretudo Espanha e Portugal. Empenhou-se na tarefa, ainda não terminada, da pesquisa sistemática nos arquivos estrangeiros, o que lhe valeu o achado de numerosas peças documentais, com destaque a coleta de importantes papéis referentes ao século XVI. Se na obra mencionada acima, Adolfo

---

10 MARTIUS, Karl F. Von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista Trimestral de História e Geografia, n. 24, jan. 1845.



Varnhagen se abasteceu de valioso material inédito, aproveitou tal empreendimento para desqualificar os autóctones como supostos portadores de caracteres fundamentais da nacionalidade brasileira. Percebemos, assim, que além do preconceito do autor, faltava ao mesmo as devidas críticas documentais, faculdade complexa resultante não só de uma intuição, mas uma espécie de percepção do passado como resultado das múltiplas causas.

João Francisco Lisboa, embora atacando o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em diferentes oportunidades, encontrava-se no mesmo sistema historiográfico. Observa-se a sua constante preocupação com a documentação, a visão pragmático-política da História e sua temática. Por isso mesmo podemos afirmar que o referido autor se enquadra naquele grupo de historiadores que romperam com a tradição dos cronistas coloniais, situando-se numa nova fase de produção historiográfica. Lisboa fez grande círculo de amizades em Portugal quando esteve recolhendo material na Torre do Tombo, e, em alguns contatos breves com Alexandre Herculano. João F. Lisboa, é apresentado como um dos formadores de opinião pública do Maranhão, lugar onde nasceu. Essa caracterização decorria do fato de Lisboa ter lutado pela nacionalização do comércio por etapas, pela extinção das ordens religiosas por serem parasitas de uma sociedade nova, pelo melhoramento do meio circulante, pela moralização dos costumes políticos e pela pacificação dos ânimos. Em seus escritos, principalmente com fins jornalísticos, colocava-se em dois papéis: o de militante-publicista e o outro de historiador. Francisco Lisboa, ao mesmo tempo em que ataca os desmandos da província, procura compreender as suas origens; interpreta a Balaiada através das razões dos revoltosos, tanto quanto se coloca

moralmente contra os seus resultados.

Sob o influxo do movimento emancipador e abolicionista, descobre-se a importância da escravidão na formação da sociedade brasileira. Joaquim Nabuco, em *O Abolicionismo*, embora se prenda a uma longa tradição que remonta às análises de Frederico César Burlamaque que datam da primeira metade do século (1837), é, nesse sentido, um pesquisador dos mais completos. Do referido livro, Nabuco procura mostrar que a escravidão marcou não somente as relações sociais como também a vida econômica, política e mental. A escravidão aparece então como a grande categoria explicativa da especificidade do processo histórico brasileiro. A estrutura familiar, as práticas religiosas, o sistema político, o latifúndio e o caráter rotineiro da economia, tudo, enfim, se explica pela existência da escravidão. É de se observar que a abolição e a proclamação da República, no entanto, desmentiram a responsabilidade exclusiva da Escravidão como razão dos entraves do desenvolvimento brasileiro; pois havia outros agravantes sociais que corroboraram para este estado social, como por exemplo, a miséria dos pequenos agricultores livres fortalecida pelo pouco empenho dos governos quanto à responsabilidade pela formação profissional e cultural.

Como podemos perceber, alguns dos pesquisadores arrolados acima se enquadram naquele grupo que Silvio Romero chamou de "românticos," pelo fato de serem contemporâneos dos literatos da escola romântica. Creio que o início de uma guinada contra esta corrente se deve a João Capistrano de Abreu. O autor de *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, (livro pioneiro no campo da Geografia Humana do

Brasil), distinguiu os textos fidedignos no confronto das cópias examinadas, analisou-os minuciosamente e reconstituiu a urdidura de sua construção íntima. Este procedimento metodológico fica claro em *Prolegômenos à História* de frei Vicente do Salvador. A exegese documental de Capistrano parece inspirar-se em Ranke, na escola histórica alemã tal como Varnhagen. Pela preocupação com fatos se insere na escola empírica, de linhagem positivista, mas contrariamente a outros historiadores, é desapegado do rígido esquema daquela linhagem, procurando assimilar os conceitos de outras ciências do homem que se desenvolviam no seu tempo. A sensibilidade para com os fenômenos sociais, enriquece a trama da história político-administrativa. A preocupação de reconstruir alguns aspectos do quadro regular da vida dos homens, seja definindo o *status* das camadas sociais, seja recompondo os elementos de sua cultura material e os seus modos de viver é um traço marcante da obra de Capistrano de Abreu. Desta forma, essa obra é chave, para entendermos a virada historiográfica a partir dos anos 30 no Brasil, pois nela percebermos traços que inspiraram Gilberto Freyre, Sérgio Buarque entre outros. Se Capistrano de Abreu não conseguiu alçar uma problemática de base, é o grande historiador que serve de elo de transição entre os empíricos e os autores da moderna historiografia destes "tristes trópicos."

Se o que distingue a moderna historiografia brasileira das tendências que a precederam é a compreensão de uma História colocada na centro das ciências humanas e no universo da História geral, devemos reconhecer em Oliveira Viana o predecessor deste movimento. Encontramos em *Populações Meridionais do Brasil* (1918), o núcleo das ideias de Viana. Nas obras posteriores, o autor desenvolverá as temáticas da

miscigenação, organização social, mobilidade espacial das populações rurais, o escravismo e as consequências desses fatores no desenvolvimento político brasileiro.

Paulo Prado em *Retraio do Brasil* (1928), marca o antiufanismo construtivo. Usando uma tipologia qualitativa com base nos sentimentos (tristeza, romantismo, cobiça), Prado se caracteriza por uma mescla de conservadorismo e inovação, na qual o objetivo último é a compreensão do "caráter nacional,"<sup>11</sup> utilizando ainda o significado simbólico para entender o processo de colonização do Brasil. No livro referido acima, Paulo Prado busca as imagens que os portugueses têm do Brasil, - trabalho que Sérgio Buarque desenvolverá com maior perspicácia - principalmente o seu significado enquanto degredo, "um purgatório" além mar. Observemos que o livro de Prado traz a marca do preconceito em relação ao negro (principalmente quando afirma que o negro "**parece**" igualar ao branco em alguns afazeres), como vários dos seus antecessores.

Procurando reconstituir vários aspectos económicos e sociais da comunidade bandeirante paulista, José de Alcântara Machado de Oliveira em *Vida e morte do bandeirante* (1929), desvela sutilezas da vida cotidiana. No seu trabalho, embora híbrido de tradição, lança mão de fontes inéditas, conquanto caracterize um tipo de escrita descritiva. Capta o sentido em que é construído o cotidiano, sendo por isso um atualizador de temáticas, e procura valorizar a vida material nos seus aspectos mais ínfimos.

---

<sup>11</sup> SOUZA, Laura de Mello. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial, in: *Historiografia brasileira em perspectiva*. Marcos César de Freitas (org.). São Paulo: Contexto, 1998.

### III. CONTEXTO HISTÓRICO E A EXIGÊNCIA DE MUDANÇA

A chegada substancial de capitais estrangeiros, mas principalmente as crises financeiras dos primeiros anos da República, o Encilhamento e o *Funding Loan* com o enfeudamento das alfândegas brasileiras ao capital estrangeiro, levaram à consciência dos publicistas novas realidades. Sílvio Romero escrevia em *Provocações e Debates* que "A crise de nossa transformação para o moderno viver tivemos a infelicidade que viesse a coincidir com o surto assombroso de força e riqueza dos grandes povos progressivos de formação particularista. Assas temos já sentido a garra do leão em nossas carnes". Isto porque alguns setores rendosos da economia estavam passando para as mãos deles: o grande comércio bancário, o farto jogo dos câmbios, o alto comércio importador e exportador, as melhores empresas de mineração, de transportes.

A consciência histórica amplia-se: o estudo do meio, das raças, da mestiçagem, das oligarquias, das instituições, do latifúndio escravista passam para o primeiro plano, substituindo as crônicas exaustivas dos feitos dos administradores coloniais. Por outro lado, embora lento no início do século, o processo de industrialização e urbanização característicos de algumas regiões do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, acarreta transformações na estrutura social do país, marcando o início da modernização de alguns setores da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, ampliam-se as possibilidades de acesso ao ensino secundário, permitindo um aumento do público leitor, embora esse aumento seja sempre relativo, em virtude da marginalização de significantes setores da população e do elevado grau de analfabetismo.

No campo da arte, vários artistas, diante de uma literatura e de um teatro estagnados e antigos, buscam novas formas de expressão. Muitos demonstram, ao defenderem o vanguardismo do movimento modernista, que não têm medo do ridículo. Há uma dedicação incansável, por parte de alguns intelectuais, à pesquisa de novos caminhos para o desenvolvimento artístico do país. Viagens para a Europa foram importantes para tomar contato com as mais modernas tendências da arte e da literatura mundiais. É desta forma que ideias que se opunham às tradições romanescas do ilusionismo naturalista trabalharam no sentido de fomentar novas formas de arte que convergiram para a Semana de Arte Moderna de 1922. Considerado o mais significativo dos movimentos artísticos de seu tempo, a Semana de Arte Moderna nasceu no momento em que o Brasil atingia certa prosperidade industrial, centralizada em São Paulo. Plasticamente representada pelos quadros de Tarsila do Amaral (com quem Oswald se casaria em 1926), a Semana de Arte reuniu seus membros em torno da revista *Klaxon*. E, oriundos da mesma corrente que levava os artistas plásticos a revolucionarem a pintura e a escultura nacionais, surgem também em 22 duas obras literárias de valor indiscutível: *Paulicéia Desvairada*, com poesias de Mário de Andrade, e *Os Condenados*, romance de Oswald de Andrade. No *Manifesto Antropofágico*, divulgado pela *Revista de Antropofagia* em 1927, há uma radicalização das posições, afirmando a necessidade de uma arte cada vez mais comprometida com a realidade do mundo contemporâneo.

Se o modernismo é a revolução no plano artístico, na década de vinte, o tenentismo, fermento da inquietação da ala jovem do Exército, aparece como fator de mudança política. No plano da ciência social verifica-se também o revigoreamento da

consciência crítica, que se volta para o país, no gosto de análise de sua realidade e na busca das origens de seus problemas. Nesta exigência de mudança, não era possível mais aceitar as propostas de um historicismo cientificista no plano das ciências sociais, muito menos de um positivismo factualista na historiografia. Percebe-se que o "declínio do historicismo e da história historizante não se deu, apenas, devido ao seu esgotamento teórico no início do século XX, mas ao fracasso da 'predição histórica' do primeiro e à insuficiência da segunda, restrita à história política do Estado e da diplomacia entre os Estados" . As crises económicas e sociais operadas nas sociedades a partir de 1920, e agravadas com a queda da Bolsa de Nova York, exigiam instrumentos novos para combatê-las.

A História não aceita mais amadorismos nem doutrinas que limitam o pensamento, reflexo do amadurecimento da disciplina, que já tem suas técnicas severas, incompatíveis com o discurso, a composição escolar ou a dissertação académica. O país também amadureceu, em todos os sentidos, não sendo mais, quando encarado como um todo, país de minoridade intelectual: o estudo não é mais enfeite, mas busca de interpretação da realidade. Superou a fase ornamental dos academismos de festas recreativas, de cunho provinciano ou paroquialista, ingenuidades do subdesenvolvimento. O Brasil cresceu, aprimorou-se em toda linha e ultrapassou o universo arcaico, tradicionalista, que o modelava e o tolhia. É um longo processo que se conhece bem e só pode ser entendido se examinado globalmente, na evolução nacional que se

---

<sup>12</sup> WEHLING, Amo. Fundamentos e virtualidades da epistemologia da História: algumas questões, in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 147-169,1992.

insere no plano amplo das mudanças que se verificam em todo o mundo. No encaminhamento das contradições entre as grandes potências que levam às tentativas de afirmação, parcialmente conseguidas, das várias nacionalidades. E um processo que no Brasil custou a ser cumprido, pelos entraves do grupo dominante, que via perder o domínio que tinha pelo surgimento de novas forças. Alterou-se a fisionomia nacional: a atividade económica diversificada impôs a indústria, fazendo que o país deixasse de ser simples fornecedor de matéria-prima para o mercado externo, de modo que a economia supera o estágio colonial. A sociedade também se diversifica, torna-se mais aberta, ampliando os grupos tradicionais - a burguesia agrária, a comercial e a industrial, - a classe média com suas várias expressões - comerciantes, funcionários, militares, padres, artesãos, profissionais liberais - os trabalhadores - o do campo e o das cidades. Ao movimento inovador da urbanização e industrialização, verifica-se mudança social que altera as regras do jogo político. Todo esse conjunto de inovações é como que institucionalizado com a Revolução de 1930, que assinala a vitória de valores antes negados. Há uma democratização contínua, que se faz com irregularidades, avanços e recuos, incompreensões de grupos novos e tradicionais, que levam ao radicalismo de uns e outros, com os consequentes erros.

Pós-30, a historiografia brasileira sofreu alterações significativas, modernizou-se, renovou-se, opôs-se à História feita pelo IHGB e às teses elitistas e racistas que predominavam até então e tornou talvez "melhor", pois intelectuais brasileiros abandonaram a posição imitativa e acrítica em relação às teorias estrangeiras que importavam. Os intelectuais brasileiros não se deixavam mais conduzir e tutelar pelo



pensamento europeu no período pré-30. Em virtude das alterações que vivia a realidade brasileira e também a história ocidental, eles abandonaram essa "atitude de menoridade"<sup>13</sup> e adotaram uma atitude madura, crítica em relação às ideias importadas.

Antes de 30, - exemplificando com uma discussão que nos auxiliará - as ideias estrangeiras estariam, segundo Schwarz<sup>14</sup> "fora do lugar" no Brasil. Analisando a recepção das ideias liberais, Schwarz chega a uma conclusão cética: no Brasil, elas eram ornamento, adereço, símbolo de distinção social. As ideias liberais conviviam com a escravidão, o que significa que não se referiam à realidade. Eram ideias de igualdade e liberdade em uma realidade escravista e autoritária, i.e., eram ideias "Tora do lugar". Mas, seria possível que uma "ideia fora do lugar" pudesse predominar? Maria Sylvia. C. Franco discorda de Schwarz; se as ideias liberais eram articuladas pelos intelectuais brasileiros e sobreviviam era porque se referiam de algum modo à realidade brasileira. Elas eram essenciais à sustentação do sistema de dominação política, à liberdade económica, ao livre comércio, mesmo se não atingissem a realidade social anti-liberal da escravidão. Os intelectuais brasileiros selecionaram as ideias liberais que se adaptavam à perspectiva da dominação burguesa.

Nós tendemos mais à posição de Franco: as ideias sempre estão no seu lugar, mesmo quando parecem estar fora. O trabalho da reflexão historiográfica é definir as

---

<sup>13</sup> O estado de menoridade se caracteriza pela "incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo ou poder tutelar alheio." KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980. p.100.

<sup>14</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

<sup>15</sup> FRANCO, Maria Sylvia de C. As ideias estão no lugar. *Cadernos de debate*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

relações entre as ideias e o seu lugar. Se se pretende encontrar uma relação entre as ideias liberais e a realidade brasileira idêntica à relação que mantinham com a realidade europeia, constata-se uma enorme defasagem entre idéias/lugar. Mas, se muda de perspectiva, i.e, se não se procura uma constância entre ideias e lugares, mas a sua adequação sempre histórica e específica, as ideias serão sempre articuladas em um lugar. As ideias estrangeiras não são importadas para não falarem do Brasil, mas para falarem de modo particularmente brasileiro sobre o Brasil. Os historiadores brasileiros selecionam, reeíaboram e se apropriam das criações estrangeiras para conhecerem e transformarem o Brasil com "originalidade"<sup>16</sup>. Desta forma, acreditamos que o pensamento é sempre:

produto da atividade de um povo e, assim, é para a nossa história, nas suas relações com a História Universal, que devemos voltar-nos para aprender a nossa própria significação, o sentido do nosso espírito, a fim de melhor compreendermos os matizes da transformação de ideias que vieram exercer influência no nosso meio. Muita ideia mudou e muita teoria nascida do outro lado do Atlântico tomou aqui expressões que não parecem perfeitamente condizente com suas 'premissas' originais. É que há um estilo próprio aos diferentes meios, estilo esse condicionado pelas vicissitudes históricas dos povos, que determina ou que influi na transformação dos sistemas que a inteligência constrói para explicar a vida"<sup>17</sup>

No campo historiográfico reconhece-se que a ideologia impregna todas as formas de representação da realidade. Nos anos 30, no Brasil, começa a se instalar a ideia desenvolvimentista - a mudança capitalista se acelera. O Brasil

---

<sup>16</sup> No conto "Teoria do medalhão" de Machado de Assis nos deparamos com o diálogo entre o pai e o filho (Janjão), o primeiro ensinando ao segundo a postura de um medalhão. Dentre os assuntos da conversa o filho pergunta quando do ofício de medalhão se é conveniente falar de Filosofia. O pai imediatamente responde: "— entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. 'Filosofia da História' por exemplo, é uma locução que debes empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc, etc.".

<sup>17</sup> COSTA, João Cruz. *O desenvolvimento da Filosofia no Brasil no século XIX e a evolução histórica nacional*. São Paulo: ind. Gráf. José Magalhães, 1950. p. 12.

busca se conhecer, revê o seu passado, pois se apressa em direção ao futuro. Nesse momento, estava presente a ideia de que a "análise científica" serviria para conhecer e transformar a realidade brasileira. Criaram-se Institutos e Faculdades (a estruturação da USP é de 34). Esta política justificava, segundo Chauí, a necessidade de se criar "elites pensantes e dirigentes" para salvar ou instituir a nação por meio do Estado. Houve uma suposição de que a compreensão científica da crise, a sua superação e a revolução dependiam de uma vanguarda política. Formou-se um olhar mais crítico dos cientistas sociais, que tinham como meta entender a realidade brasileira, fazendo uso de novas metodologias. A história, com esse espírito, foi buscar o apoio da orientação teórico-metodológica dos *Annales*.

O mundo por volta dos anos 30 estava em crise: o socialismo se estrutura na URSS, os nazistas conquistam espaço na Alemanha, em 29 a bolsa de Nova York quebra repercutindo no mundo todo, com exceção da URSS. No Brasil, o primeiro governo Vargas propõe mudanças para conter ânimos mais exaltados, põe fim à "política do café-com-leite", promulga a CLT, aprova o voto para as mulheres, facilita a fabricação de bens duráveis entre outras medidas que lhe darão sustentação no poder numa sociedade que está otimista. Desse panorama, tendo o capitalismo como emblema de fundo, a consequência será que cedo ou tarde o país atrasado sofre alterações na sua "estrutura material em consequência quase sempre da instalação de 'dispositivos' de dominação

externa destinados a melhor explorá-lo, que acabam por sugerir a um ou outro indivíduo a transformação da consciência que conduz à meditação crítica sobre a realidade" .

---

<sup>18</sup> TOLEDO, Caio. Teoria e ideologia na perspectiva do ISEB. in; *Inteligência brasileira* .São Paulo: Brasiliense,1986,

#### IV. A NOVA ESCRITA DA HISTORIA

Nos anos 30, a História praticada no Brasil, sofre uma profunda transformação: mudam-se as técnicas, as metodologias, os objetos, faz-se o uso de novas fontes com novos problemas. É tamanha a fecundidade intelectual deste período que os estudos aí praticados influenciarão quase todas as gerações posteriores. Nesta fase, pós "Revolução de 30", as pesquisas assumiram uma linha que em muitos aspectos antecipou as problemáticas da historiografia praticada na revista francesa *Annales*. Desta forma focalizaremos três personagens centrais responsáveis por estas novas abordagens: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. O prefácio de Antônio Cândido em *Raízes do Brasil* é sintomático pois "os três autores citados foram trazendo elementos de uma visão do Brasil que parecia adequar-se ao nosso ponto de vista. Traziam a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos 'patriarcais' e agrários, o discernimento das condições económicas, a desmistificação da retórica liberal."<sup>19</sup> Mas antes cabe-nos situar este movimento. Se a revolução de 1930 não abalou as formas de organização social calcada na desigualdade de classes, certamente ela contribuiu para uma maior reflexão sobre a interpretação da realidade brasileira. Assim como foram lançadas as bases de uma reflexão mais coerente através de movimentos de expressão na década de 20 - no plano artístico a Semana de

---

<sup>19</sup> CÂNDIDO, Antônio. "O significado de *Raízes do Brasil*". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 11.

Arte Moderna e no político a fundação do Partido Comunista entre outros, - a historiografia representante da elite oligárquica, empenhada na valorização dos heróis da raça branca, foi questionada e substituída. As obras *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil*, *Evolução política do Brasil* e *História Económica do Brasil* irão assinalar o processo de ruptura com o passado de nossa historiografia. Estes quatro livros exibem o fato de que a tarefa de pensar os problemas sociais a partir do passado foi realizada externamente à Universidade, em desobediência a quaisquer cadeias de sucessão e mesmo de subordinação às famílias que, tradicionalmente, conformam e põem sob limites o saber académico.

#### 4.1) Gilberto Freyre: um revolucionário conservador

Gilberto Freyre, um pernambucano que bacharelou-se em Artes Liberais e especializou-se em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Baylor, USA, foi um dos primeiros a recusar a escrita tradicional comprometida com visões factuais e etapista. As ideias de Freyre foram lançadas num período em que o pensamento racista europeu atraiu estudiosos do porte de Oliveira Viana e Nina Rodrigues. Estes já haviam defendido antes a inferioridade do negro e a sua contribuição negativa na formação da sociedade brasileira. Gilberto Freyre, ao contrário, irá justamente resgatar a contribuição original dos negros africanos na formação cultural do Brasil. Interessado em uma abordagem

histórico-antropológica,<sup>20</sup> revolucionou as ciências sociais do Brasil dando enfoque às coisas comuns do cotidiano tais como a comida, a infância, o relato oral, os enfeites das travessas das quitandeiras da Bahia, etc. Tendo como mestre o antropólogo Franz Boas, de quem assume a maior influência intelectual, assimilou proposições inovadoras quanto às problemáticas culturais e raciais. Foi através de Boas que Freyre assentou as bases de seu livro quando distinguiu **raça** de **cultura**, dando um caráter explicativo à segunda. É ele mesmo quem diz no seu livro mais importante, *Casa grande & senzala* de 1933, que pretendia naquele "ensaio de Sociologia genética e de História social (...), fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira".<sup>21</sup> Freyre tentou explicar a sociedade brasileira através do estudo das relações de raça e cultura, visto quanto às instituições de família e escravidão. Na escrita de sua obra maior, *Casa grande & senzala*, já traduzida em vários países, o intelectual pernambucano utilizou uma "composição libérrima" e franca para tratar de assuntos poucos comuns em obras historiográficas anteriores, como por exemplo o tema da religiosidade popular e a questão da sexualidade. Gilberto Freyre concorda com Astrojildo Pereira quando refuta as ideias de Oliveira Vianna quando este último dizia não haver luta de classes na formação social do Brasil. Desta forma lembra as "guerras, os conflitos dos 'senhores'

---

<sup>20</sup> Gilberto Freyre diz que estudando a vida doméstica dos nossos antepassados nos completamos: "é outro meio de procurar-se o 'tempo perdido". Outro meio de nos sentirmos nos outros - nos não que viveram antes; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos." FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 29. ed. São Paulo; Record, 1994. p. Ixv.

<sup>21</sup> FREYRE, *Op. Cti.* 1994, p. Ixxii.

com os indígenas e com os negros tugiados (quilombolas) e da própria burguesia nascente com a aristocracia rural já estratificada. Também os conflitos dos representantes da Coroa, quando fortalecidos pela descoberta das minas, com os caudilhos rurais. Estes, embora atravessando crises e sofrendo depressões de poderio, foram a força preponderante."<sup>22</sup> Freyre, nesta fase, é considerado um pensador progressista, assumindo ponto de concordância com Caio Prado Jr., marxista dialético. Se, num primeiro momento, o autor nordestino revoluciona a história e as ciências sociais em geral por utilizar fontes e metodologias não comuns para o período em questão, fica claro também sua postura conservadora quando diz que a miscigenação que largamente se praticou aqui no Brasil corrigiu o desequilíbrio social. Afirma que a "índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. Entre os filhos mestiços, legítimos e mesmo ilegítimos, havidos delas pelos senhores brancos, subdividiu-se parte considerável das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudais e dos latifúndios do tamanho de reinos."<sup>23</sup>

Prestemos atenção no fato de que desde a publicação de sua tese universitária em inglês sobre o Brasil, Freyre já sustentava que a situação do escravo no Brasil patriarcal

---

<sup>22</sup> FREYRE, *Op. Cit.* 1994, p. xlix-I.

<sup>23</sup> FREYRE. *Op. Cit.* 1994, p. I.



fôra superior à do operário europeu do século XIX. De fato, em *Casa Grande & Senzala* fica claro a ideia de que houve uma "doçura" nas relações de senhores com escravos, quiçá mais no Brasil do que em qualquer parte do *novum mundum*. Por esta defesa da amenidade da escravidão brasileira, sofrerá forte oposição teórica nos anos seguintes.<sup>24</sup> O pensamento freyriano concebia uma sociedade do tipo paternalista, onde as relações de caráter pessoal assumiam grande importância na base do sistema. Tal sistema patriarcalista foi assentado na transplantação e adaptação da família portuguesa ao solo brasileiro. Para Suely Queiroz, "constituía uma vasta e hierárquica rede de parentesco, uma 'ordem privada' impermeável a formas públicas de organização e controle. Na sociedade assim estabelecida, predominavam a empatia entre as raças (...). Decorriam elas da plasticidade racial do colonizador português, cujos traços psicológicos diferenciavam-no dos anglo-americanos em valores e personalidades. Uma linha de raciocínio que o levará a considerar o Brasil uma 'democracia racial', pois a miscigenação largamente praticada corrigia a enorme distância social existente."<sup>25</sup> Ou seja, foi no processo de miscigenação que Freyre julgou terem os brasileiros descoberto o caminho para escapar dos problemas raciais que atormentavam o povos estados-unidenses. Deparamos assim com um estudo que é inovador quanto método antropológico-cultural, ao mesmo tempo, incorre no erro de assimilar os discursos da benignidade das relações

---

<sup>24</sup> Jacob Gorender será um dos representantes mais combativos desta postura freyriana. Ver: *A escravidão reabilitada*. São Paulo; Ática, 1990.

<sup>25</sup> QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Escravidão negra em debate. In: Marcos César de Freitas (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.104.

entre senhores e escravos, tão característicos do século XIX.<sup>26</sup> Um trabalho inovador para se pensar a história social, embora o enfoque das determinações de âmbito acumulativo de capital aqui gerado com sistema escravista, para formar o embrionário processo de desenvolvimento capitalista ocidental, tenha ficado para os anos seguintes com Caio Prado Júnior.

#### 4. 2) Sérgio Buarque de Holanda: a História renovada metodologicamente

Sérgio Buarque de Holanda foi um intelectual inquieto com a realidade social brasileira. Talvez esta inquietude tenha emergido da vida intensa que teve participando da Semana de Arte Moderna de 22, somando-se a isso sua contribuição importante na revista *Klaxon*. Seu interesse pela arte era tão grande que ajudou na fundação da revista *Estética*, órgão de divulgação que pretendia chamar atenção para um novo olhar do Brasil por meio do viés artístico. No conhecimento da realidade brasileira, buscou interpretá-la com erudição, com um rigor de composição por "vezes digressivo", e trabalhava eficazmente nas análises do nosso passado para que assim pudessemos nos libertar das amarras do pensamento conservador. Aspirava inserir a História brasileira no mundo ocidental sem cair na ingenuidade da recepção das teorias estrangeiras, embora tenha sabido utilizar com destreza o "tipo ideal" do alemão Max Weber. Os conceitos de

---

<sup>26</sup> É fato que em muitas cerimônias públicas no período imperial sempre apareciam bons oradores para falarem da relação amistosa do senhor e escravo, como também havia parlamentares exaltando a brandura da escravidão. Os trabalhos historiográficos de Oliveira Vianna por um lado

patrimonialismo, personalismo entre outros, foram incorporados para se pensar a vida política. Daí que o "personalismo pode ser em muitos casos uma força positiva e que ao seu lado os lemas da democracia liberal parecem conceitos puramente ornamentais ou declamatórios, sem raízes fundas na realidade."<sup>27</sup> Embora tenha feito uso da dialética hegeliana para pensar as tensões dos conceitos, soube fazer críticas pertinentes ao racionalismo da qual Hegel era um expoente. Ele diz que o racionalismo excedeu os limites apenas quando erigiu em "regra suprema" os conceitos "arquitetados", partindo esses da vida e criando com eles um sistema organizado em *logos*, "homogêneos" e "a-históricos".

Com a obra *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, integrando a "Coleção documentos brasileiros"<sup>28</sup> dirigida por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque se destaca como um pensador da história cultural rica de teoria e metodologia. Avança com destreza sobre as fontes, embora o caráter do primeiro livro se enquadre num tipo de ensaio. Estudou em livros como *Monções e Caminhos e fronteiras*, aspectos significativos da implantação e expansão da civilização adventícia em nosso país. Já com *Visão do paraíso*, ocupa-se dos motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil. Com a coordenação da *História geral da civilização brasileira* Sérgio Buarque de Holanda consegue aglutinar contribuições importantes de pesquisadores de várias áreas para analisarem o passado do Brasil, além dele próprio que escreveu um volume sobre o Império brasileiro.

---

e os discursos de José de Alencar por outro sintetizam estas perspectivas.

<sup>27</sup> HOLANDA, *Op. CiL*, 1995, p. 183.

<sup>28</sup> *Raízes do Brasil* foi inicialmente publicado na *Revista Espelho* em 1935 com o título de "Corpo e alma do Brasil".

Assimila as propostas da sociologia da cultura dos alemães, bem como do historicismo, que ressalta o particular e único em cada conjuntura do tempo histórico. Esta perspectiva levará a uma profunda revisão interpretativa dos aspectos essenciais da nossa produção historiográfica. Mas não fica aí, pois escreverá uma História nos moldes da nova história social dos franceses. Assim, temos surpreendente afinidade e coincidência temática e metodológica entre o autor de *Visão do paraíso* e os fundadores da moderna historiografia francesa ligada à escola dos *annalistes* como Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel.<sup>29</sup> Há que se observar que Sérgio Buarque trocou correspondência com Febvre e Braudel, estes convidando aquele para congressos e conferências na França.<sup>30</sup> Com as suas obras, Sérgio Buarque tratará do imaginário, das mentalidades e da vida material dos homens no tempo. E assim descreverá a mentalidade portuguesa, ligada aos valores medievais, irredutível ao sonho, à surpresa, que no livro *Raízes do Brasil*<sup>31</sup> será enfocada sob o pano de fundo da decadência do Império português no século XVI, e será retomada no trabalho *Visão do paraíso*, preparado como tese para a cadeira de História da Civilização da Universidade de São Paulo, em 1958, e publicado em 1959.<sup>32</sup> No livro *Caminhos e fronteiras*, Holanda mostra a maneira como os europeus aqui aportados incorporam os hábitos alimentares, venatórios e curativos, mostrando que, mesmo subordinada à fome, tal incorporação se processava através de critérios ora seletivos, ora analógicos

---

<sup>29</sup> Estes três historiadores, Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel, serão analisados nos próximos capítulos deste trabalho.

<sup>30</sup> Ver a 19ª edição de *Raízes do Brasil*, p. xix e xx, da Editora José Olímpio, 1987.

<sup>31</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. Cit.*, 1995.

<sup>32</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional/Edusp, 1969.

retirados dos povos daqui. As práticas pesqueiras dos indígenas foram, por exemplo, aprendidas por muitos brancos europeus ou colonos. Buscando a historicidade do mito do paraíso terrestre na colonização portuguesa, o pesquisador jogou com as tensões entre o arcaico e o moderno, principalmente no seu modo de desmascarar as aparências ilusórias do novo, onde persistiam intactas as tradições do passado.

Se Fernand Braudel se destacou com as suas explicações temporais, Sérgio Buarque nos chama a atenção por trabalhar com as tensões dialéticas do devir. Mas não passa despercebido dele o problema do "tempo" como podemos observar na crítica ao tempo da superfície, "tempo breve" no dizer de Braudel. Pelo menos é o que diz quando "processa-se, é certo, sem o grande alarde de algumas convulsões de superfície, que os historiadores exageram frequentemente em seu zelo, minucioso e fácil, de compendiar as transformações exteriores da existência dos povos"<sup>33</sup> Num momento em que muitos historiadores e cientistas sociais acreditavam na determinação do económico, e quando se começava a cogitar, entre os historiadores franceses ligados à Revista *Annales*, a autonomia das mentalidades, os fenómenos de longuíssima duração, Holanda fica numa espécie de meio-caminho. O livro *Caminhos e fronteiras*<sup>34</sup> mostra que foi relativos aos aspectos da vida material que o colono e seus primeiros descendentes se mostraram mais sensíveis "a manifestações divergentes da tradição europeia". Historiador das mentalidades, procurou reconstituir a transformação dos colonos aventureiros em

---

<sup>33</sup> HOLANDA, *Op. Cit.*, 1995, p. 171. (grifo meu)

<sup>34</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

retalhistas, e delinear o processo de formação de uma sociedade que vai aos poucos se tornando menos turbulenta e mais civilizada, no sentido europeu da palavra.

Sérgio Buarque de Holanda criticou, com eficácia, Gilberto Freyre, principalmente *Sobrados e mocambos*, numa resenha em que discordava na ênfase exagerada da aplicação do conceito de "forma social" de Georg Simmel. Discordou também de quem mais teve influência no início de sua carreira, Max Weber, por causa do conceito de "Vocação" da ética protestante. O historiador brasileiro achava demasiado lateral apelar exclusivamente para fatores morais, em prejuízo dos económicos, 'por ventura mais decisivos' no estudo do advento do capitalismo europeu.

#### 4.3) Caio Prado Júnior: em busca do sentido

Nos anos sessenta, vários estudos foram feitos, principalmente por sociólogos e economistas, no sentido de rever os conceitos relacionados com as explicações de sociedade dual. Surgiram críticas à tese do "feudalismo" brasileiro, insistindo-se no caráter capitalista da economia brasileira, aliás já apontado por Caio Prado Júnior desde seus primeiros trabalhos. Procurou-se definir os rumos específicos que esse sistema tomou no Brasil e na América Latina. Além de Caio Prado, Nelson Werneck Sodré e Celso Furtado produziram obras bem originais para se pensar a realidade económica do Brasil. Nesse trabalho vamos nos deter no pensamento de Caio Prado por ser considerado, junto com Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, expoente da nova

historiografia surgida após 30, que rompeu com os explicadores pouco dialéticos anteriores. Some-se a isso o fato de que Prado é considerado uma espécie de "ícone" de historiador marxista para refletirmos a historiografia nacional.

Em 1948 foi publicado um artigo na revista francesa *Annales* falando de um brasileiro: o autor do artigo era Fernand Braudel e o brasileiro era Caio Prado Júnior. O historiador francês estava comentando duas obras desse marxista - *Evolução política do Brasil* de 1933 e *História econômica do Brasil* de 1945 - que viriam influenciar várias gerações de pesquisadores na universidade brasileira, embora as relações de Prado com as instituições de ensino superior nunca tenham sido de muita cordialidade. Com os trabalhos de Sérgio Buarque e Caio Prado, a historiografia brasileira toma novos rumos e dá prova de sua maturidade. O trabalho de Caio Prado se caracteriza pela exposição afastada do ensaísmo, traço comum dos dois autores que antecedem esta exposição. No seu primeiro livro, *Evolução política do Brasil e outros estudos*,<sup>55</sup> Caio Prado Júnior anuncia sua intenção de escrever a história a partir do método interpretativo das relações entre as classes. Este livro marca assim o início de uma nova corrente historiográfica, mas teria que aguardar algumas décadas para ser reconhecido. O autor, no primeiro prefácio da *História econômica do Brasil*?<sup>56</sup> se coloca expressamente dentro dos pressupostos do materialismo histórico e dialético como teoria do conhecimento. Ou seja, nessa segunda obra pretende explicar as relações sociais a partir de suas bases materiais, opondo-se ao idealismo que afirma o primado do espírito sobre a matéria, vendo a história e sua

---

<sup>55</sup> PRADO Jr. Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

<sup>56</sup> PRADO Jr. Caio. *História econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

"própria evolução, o seu auto-dinamismo". Essa mesma orientação marcará toda a sua obra.

Enquanto Sérgio Buarque de Holanda desafiava a inteligência em repouso dos positivistas, Caio Prado alinhava-se com o pensamento militante, para o qual o saber se define e justifica como ferramenta para transformar a sociedade. Ao pensar a nossa história nacional, vê, desde seu início, uma inserção do Brasil enquanto colônia no desenvolvimento do sistema capitalista; o **sentido da colonização** seria dado pelo capitalismo comercial, estando sempre presente a noção de dependência, que indica a ótica nacional. O historiador marxista mostra que, sob as formas variáveis da produção colonial, estava subjacente uma estrutura homogênea, única, apesar de algumas variantes que indicam apenas ajustamentos ao tipo de produção. Para ele, a República é vista nesse processo nacional mais amplo: as instituições imperiais eram inadequadas ao progresso do país e 1889 teria sido a "aurora burguesa". O período de 1889 a 1930 é classificado como a "República burguesa"; os fatores de adaptação do Brasil são uma "crise de transição", de "crescimento", que farão do Brasil uma nação ajustada ao equilíbrio mundial moderno, no círculo internacional do imperialismo financeiro. Devemos nos lembrar que já no livro *Evolução política do Brasil*, Caio Prado criticava os historiadores que estavam apenas preocupados com a "superfície dos acontecimentos," como as expedições sertanistas, as entradas e bandeiras, os eventos políticos das elites, esquecendo-se o que ocorre no íntimo da nossa história não deixa de ser um reflexo do que passa no mundo externo. Embora renove seu sentido maior, conserva os marcos de periodização políticos tradicionais, fixados por um viés econômico explicativo: se para



ele a história é um processo impresso pelo desenvolvimento das forças produtivas, a história é um processo marcado pelo desenvolvimento das forças produtivas, a República e 1930 são explicados como reajustamentos políticos ao desenvolvimento material. Devemos lembrar que a tese do feudalismo era em geral aceita por volta de 1933, e deixará de sê-lo quando se desenvolvem as obras de história económica, como se vê em 1937 no livro de Roberto Símonsens *História económica do Brasil*, obra fundamental para facilitar o diálogo com a burguesia e ser seu representante. Temos em seguida, em 1945, o livro de Caio Prado com o mesmo nome de Símonsens e, em 1959, *em Formação económica do Brasil*, de Celso Furtado, trabalhos que farão uso da dialética na construção histórica. Caio Prado Júnior não aplica a categoria de análise revolução burguesa; embora fosse ligado ao Partido Comunista Brasileiro, nega as teses dualistas nele predominantes, desde os anos vinte, nas formulações de Octávio Brandão. Prado não utiliza um modelo dualista, ou seja, para o marxista não haveria no Brasil um contradição básica entre latifúndio semi-feudal e imperialismo. Assim, pensa a evolução do sistema económico brasileiro de forma original em relação a um sistema capitalista mundial, e não segundo modelos de evolução das nações europeias. Para Francisco Iglésias, Caio Prado procura, ao ver as sucessivas articulações dos sistemas de produção brasileiros, uma linha mestra ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa e dirigida numa determinada orientação. Prado o observa como "avesso aos simplismos que frequentemente liquidaram ou esvaziaram na esquerda o pensamento marxista".<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> PRADO Jr., Caio. *História*, organização de Francisco Iglésias. São Paulo: Ática, 1982.

## V. UMA NOVA PROBLEMÁTICA NA HISTÓRIA: OS *ANNALES*

Se os alemães predominaram nos séculos XVIII e XIX em vários ramos do conhecimento, os intelectuais franceses chegam ao século XX com as maiores perspectivas e ambições científicas no campo das ciências humanas. Jacques Lacan renovou os estudos psicanalíticos com o chamado "retorno a Freud", no qual o inconsciente passa a ser objeto de estudo estruturado como linguagem. Émile Durkheim criou a sociologia, os economistas trabalharam sobre o modelo de equilíbrio gerado de Léon Walras e, na antropologia, Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss implodiram o edifício etnocêntrico e biologicista legado pelo século XIX. Georges Bataille, teórico do erotismo e considerado "maldito," investigou a energia das massas. Embora não se enquadrando nas "Humanidades", Le Corbusier renovou a arquitetura com vidros e pilastras de cimento. É neste quadro de completa renovação do pensamento que devemos entender o surgimento da "École des Annales", surgida em 1929 e liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre. Lembremos que o lançamento da revista "Annales d'histoire économique et sociale", era a realização de um antigo sonho de Lucien Febvre. Embora a revista não tenha sido reconhecida de imediato, hoje se tornou referência obrigatória para quem atue com a pesquisa histórica. A proposta da "nova história" praticada por este grupo vinha a se opor à história tradicional, principalmente ao positivismo e ao historicismo, ambos com franco desenvolvimento nas Universidades francesas. Esses modelos de explicação histórica foram criticados pelos historiadores em vários campos, principalmente porque falharam na avaliação da variedade de questionamentos, com frequência preocupados tanto com os movimentos coletivos quanto as ações individuais, tanto com as estruturas quanto aos acontecimentos.

Febvre e Bloch propuseram um conhecimento histórico a partir do presente, um presente que compreende a sua história enquanto continuidade e alteridade em relação ao passado. Podemos caracterizar a escola dos *Annales* pelo interesse em substituir a tradicional narrativa dos acontecimentos por uma "história problema"; uma história de todas as atividades humanas (história total) e não apenas uma história política. Os *Annales* também se caracterizaram pela colaboração com outras disciplinas na luta contra a especialização (a interdisciplinaridade). De fato, com as duas primeiras gerações de historiadores dos *Annales*, à medida que se foi afirmando o alargamento temático dos estudos históricos, a História dialogava com a psicologia, sociologia, geografia e economia. Nomes tais como o Febvre, Bloch, Braudel, Simiand e Labrousse tornaram-se familiares a gerações de estudiosos.

### 5.1) Marc Bloch: um medievalista engajado

Marc Bloch foi um antigo professor da universidade de Estrasburgo, lugar onde manteve ricos contatos que iriam influir na sua carreira. É nessa universidade que conhece Febvre, mas também conhece G. Lefèvre e psicossociólogos como Ch. Blondel, M. Halbwachs.<sup>38</sup> Especialista em história medieval, Bloch se notabilizou por trabalhos inovadores como *Os reis taumaturgos*,<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> BOURDÉ, Guy, MARTIN, Hervé. A escola dos "Annales". In: *As escolas históricas*, Portugal: Europa-América, 1983.

e *A sociedade feudal*<sup>40</sup> entre outros. Através deste último estudo, Bloch inaugura um

modo peculiar de pesquisa da Idade Média. Mais fazendo do que teorizando, o autor elucida fatos da sociedade medieval mediante um olhar sempre questionador. Também escreveu *Le métier d'historien*,<sup>41</sup> obra inacabada e publicada pelo amigo Febvre. E um livro incompleto porque o autor estava num campo de concentração, não podendo, portanto fazer consultas bibliográficas ou de fontes. Bloch, de família judia, uniu-se ao grupo de resistência francês para combater pela pátria, pagando com a vida em 1944. Devido a este fato, podemos imaginar a grandeza intelectual deste historiador e sua erudição, por escrever um livro sem material auxiliar.

Bloch, foi um dos pioneiros da "história das mentalidades" e da história comparativa, influenciando várias gerações posteriores, tanto na França como em outros países. Para entendermos o desenvolvimento do pensamento de Marc Bloch, devemos partir de sua concepção de história. A história é a ciência do homem, esta é a senha dos *Annales*. Ciência dos homens, prefere Bloch, para evitar a abstração implícita no singular e marcar a relatividade de uma ciência do diverso. Do homem em sociedade, diz ainda, corrigindo Fustel de Coulanges que falava das "sociedades" humanas. Dos homens considerados na coordenada do tempo. O homem é pois o centro magnético da história, o homem integral, em toda a sua complexidade. Não o *homo políticas*, o *homo religiosus*, o *homo oeconomicus*, mas o homem por inteiro. O homem como é, como tem sido, como vem sendo; o homem na *durée*, o homem de sempre, de cada época. Devido a influência

---

<sup>39</sup> BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

<sup>40</sup> BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. São Paulo/Lisboa: Maxtins Fontes/Edições 70, 1982.

<sup>41</sup> Na tradução brasileira BLOCH, Marc *Introdução à história*. Lisboa: Europa/América, 1986.

de Durkheim, M. Bloch dissipará o evento, ou melhor, o pensará enquanto sentido

na totalidade do acontecido e ainda buscará pensar estruturalmente o tempo vivido. O autor *Le métier d'historien* faz uma estudo objetivo dos homens em grupos, retirando a ênfase das iniciativas individuais, da consciência de sujeitos atuantes. Para Bloch, tanto o historiador quanto o sociólogo deveriam apreender o grupo social no qual o indivíduo estava inserido. A nova história proposta deveria ser a do homem no tempo, conhecimento de uma humanidade plural, marcada pela pluralidade das durações, ou seja, uma história como dialética das durações.<sup>42</sup>

Marc Bloch diz que os documentos de que a história precisa não são limitados, sugerindo dessa forma recorrer a outros tipos de materiais como os artísticos, os arqueológicos, os numismáticos, as crônicas, etc. Já o recurso permanente ao método comparativo, a preocupação de dar ao historiador uma formação pluridisciplinar, a vontade de uma investigação coletiva explicam-se pela convicção de Bloch da unicidade das ciências do homem. Sem cair no "presentismo", tão ao gosto de uma historiografia idealista, Bloch diz que devemos "compreender o passado a partir do presente (...) e compreender o presente à luz do passado".

---

<sup>42</sup> REIS, José Carlos. *Nowelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Fefovte, Bloch e Braudei*. São Paulo: Ática, 1994.

## 5.2 Lucien Febvre e o combate pela história.

Lucien Febvre, um especialista do século XVI, fez sua tese de doutoramento sobre a região de Besançon, contribuindo sobremaneira para a história sócio cultural. Febvre adquiriu sua formação de historiador em Nancy, seguindo depois para a Escola Normal Superior e Sorbonne em Paris. Além de escrever obras exemplares tais como *Martin Lutero, um destino, O problema da descrença no século XVI: a religião de Rabelais*,<sup>43</sup> Febvre publicou uma coletânea de artigos com o nome *Combates pela história*.<sup>44</sup> Autor conhecido de alguns historiadores brasileiros, dentre os quais Eurípedes Simões de Paula, Eduardo de Oliveira França, quando de sua estadia no Brasil, procurava ver a "luta entre as classes rivais dentro de um conflito de ideias e sentimentos tanto quanto um conflito económico". Tinha a preocupação em produzir uma história-problema, na qual o historiador faria preceder a questão à heurística, a hipótese à pesquisa empírica. Nos *Combates pela história*, esses artigos refletem várias problemáticas enunciadas por Febvre, principalmente a interdisciplinaridade como mola mestra para a explicação histórica. O especialista do século XVI se deterá num tempo reconstruído ao invés de reconstituído; proporá a história problema como solução à narrativa exata dos eventos, procederá integrando o evento único em uma ordem conceitual sem deixar escapar a ordem cronológica. Nutrindo-se do humanismo do século XVI, Febvre não deixou também de ampliar o raio de ação do historiador. Procurava

---

<sup>43</sup> A metodologia utilizada neste livro de Febvre será contestada por Bakhtin no seu livro que trata também de Rabelais.

<sup>44</sup> FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 3v. Lisboa: Presença, 1985.

manter-se o mais aberto possível e pronto para acolher cada parcela de verdade que o pensamento traz em seu bojo.

Nos combates soube encaminhar críticas decisivas à história "historizante", uma história feita sobre fatos particulares. Disse que em vez de "dissertamos sobre o abstrato e de traçarmos no papel limites bem delineados, coloquemo-lo diante das realidades" e procuremos aplicar o "bom método: compliquemos o que parece bem simples".

Febvre sempre esteve mais próximo da *Hevue de Synthèse* e de H. Berr do que de *UAnnée Sociohgique* e de Durkheim, pois devido à primeira, privilegia as características intelectuais de uma época inscritas no pensamento e nas obras dos indivíduos. Todavia com relação à escola de Durkheim, que busca leis e tipos para explicar os eventos individuais, Febvre será influenciado nesta busca, embora sem diluir o evento e sua singularidade.

Crítico severo dos *Annales*, François Dosse fará uma comparação da mudança de direção da proposta de Febvre:

No início da vida intelectual Lucien Febvre era socialista fervoroso; escreve, entre 1907 e 1909, no *te socialiste comtois*, órgão semanal da federação do Doubs da SFIO. No dia 21 de março de 1909, redige mais da metade da primeira página do jornal com quatro artigos: "Viva a vida! Abaixo a autoridade"; "Até quando?"; "A propaganda nos campos"; "A manifestação Floquef. Seu estilo e seu objetivo causam espanto quando relacionados às suas posições futuras. Quando mais tarde frequentar as alamedas do poder, enquanto professor do Collège de France, conservará bem a veemência do tom polémico, mas seu combate será, então, limitado à história".<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à nova História*. Tradução de Dulce da Silva Ramos; prefácio de Elias Thomé Saliba. São Paulo: Ensaio/ Campinas: Unicamp, 1992.

Com a história-problema, em que se distancia da história narrativa, Febvre propõe uma história cientificamente conduzida, ou seja, nem ideológica nem muito menos cientificista, detendo-se nos aspectos racionais e conscientes da sociedade

através da análise de obras de "grandes espíritos" de uma época.

### 5.3 Fernand Braudel e os tempos plurais da segunda geração

Ernest Labrousse ocupou lugar privilegiado nos *Annales*, apesar de ser marxista. O seu interesse principal era estudar a Revolução Francesa. Destaquemos ainda que por influência dos economistas, empreendeu um rigoroso estudo quantitativo sobre a economia francesa do século XVIII - pioneiro nos estudos de conjuntura. Com a História quantitativa, passando pela demografia histórica e a história serial, pontuou um momento importante para o conhecimento histórico. Mas um autor que merecerá uma análise maior por ter influenciado vários brasileiros será Fernand Braudel.

Com a transformação da noção de tempo e espaço, o francês Fernand Paul Achille Braudel se projetou como um dos historiadores mais bem sucedido desse século. A revista dos *Annales* encontrou em Braudel o revitalizador de suas propostas ao fazer da história a "ciência federalista das ciências humanas, ao apoderar-se do programa dessas últimas".<sup>46</sup> As "mélanges" e "journées" realizadas em vida comprovam sua entronização na historiografia. Após a defesa de sua tese *O mediterrâneo e o mundo*

---

<sup>46</sup> DOSSE, *Op.Cit.*, p. 111.

*mediterrânico à época de Felipe II*, publicada em 1949, encontra na *École des Annales* e na 16ª Seção da *École Pratiques des Hautes Etudes*, instrumentos institucionais de sua afirmação, direcionando as pesquisas da quase totalidade dos



historiadores franceses, além de controlar postos universitários, Braudel entrincheirou-se nas casas editoriais e agências de financiamento, minou a velha história positivista de Langlois e Seignobos.

Por meio da totalidade e interdisciplinaridade herdada da primeira geração da revista, Fernand Braudel buscou integrar o económico, o político, o social, o cultural na chamada "história total", embora essa busca tenha sido descartada pelos membros da terceira geração. Segundo Reis, em Braudel as "duas tendências representadas por Febvre e Bloch vão se encontrar e tomar uma elaboração conceitual" e uma "organização explícita e original".<sup>47</sup> Braudel instalou no poder a nova história, aberta às demais ciências sociais, propondo-se a defender a unidade das ciências do homem contra a ameaça permanente de fragmentação do conhecimento. É importante salientar que antes de Braudel ter esse poder institucional e reconhecimento mundial, o autor de *O mediterrâneo* fez parte da missão francesa com destino ao Brasil.<sup>48</sup> Chama-nos atenção o fato de que sua obra maior *O mediterrâneo*, ter sido gestado nestes "tristes trópicos",<sup>49</sup> embora o mesmo não faça referência a esta questão.

---

<sup>47</sup> REIS, *Op. CU.*, p. 59.

<sup>48</sup> No próximo capítulo falaremos um pouco mais sobre esta e outras missões francesas que vieram ao Brasil.

<sup>49</sup> Ao ser perguntado se sua tese começou a ser escrita no Brasil F. Braudel respondeu: "Foi. Grande parte dela. Eu tinha toda a documentação. Os estudantes trabalhavam pouco e os professores também. Havia muitas distrações e feriados no Brasil. E como é possível a vida sem distrações? (...) Dessa forma, tinha muito tempo para ir escrevendo a tese escondidinho...". Ver BRAUDEL, Fernand. Caderno de programas e leituras. *Jornal da tarde*, São Paulo, 28 jan. 1984, p. 1. Entrevista concedida a Reali Júnior.

As reflexões de Fernand Braudel sobre o tempo histórico são, com certeza, o

seu maior trunfo como historiador. O tempo histórico desse pesquisador é próximo do estruturalismo das ciências sociais de sua época, mas diferentemente destas, não negligencia o evento. A dialética da duração de Braudel consiste em, na perseguição do tempo coletivo, ultrapassar o indivíduo e o evento sem negá-los, já que os integra em uma realidade mais complexa. As estruturas são elementos da longa duração, lentos, aparentemente imóveis, contínuos, permanentes. Sustentam as oscilações cíclicas do tempo médio e exercem sobre os eventos uma contenção. O tempo médio é constituído pelas conjunturas, ciclos e interciclos que podem potencializar-se ou anular-se reciprocamente, dando uma impressão de imobilidade que o olhar do tempo longo vai esclarecer, permitindo a visualização do curso irreversível do tempo histórico. E esta perspectiva que vai possibilitar a explicação do evento, do tempo curto, que, junto com os tempos longo e médio, compõe a dialética da duração. Braudel mergulhou a História numa grande ampulheta, onde o tempo flui com desesperadora lentidão, alheia e imune aos projetos e sonhos de todas as "matemáticas sociais"; na medida da longa duração, todo voluntarismo humano é delegado à insignificância.

Para Braudel, a dialética da duração é fundamentalmente coletiva, não é medida pela duração do indivíduo, mas sim a de décadas e séculos. Em sua complexidade e interdisciplinaridade, admite a coexistência de velocidades e orientações diferentes, permitindo, assim, a visualização da multiplicidade dos tempos plurais,<sup>50</sup> que conformam os ritmos dos grupos sociais.

---

<sup>50</sup> REIS, *Op. Cit.*

Suas formulações só não são uma revolução plena porque já vinham sendo intuídas e praticadas por Febvre, Bloch, Labrousse, Simiand e alguns marxistas. O que ele fez foi elaborar esta concepção do tempo histórico sob a influência das ciências sociais, que é a marca inconfundível da *Nouvelle Histoire*. (...) O tempo histórico da *Nouvelle Histoire* quer estabelecer uma relação dialética entre continuidade e descontinuidade, entre permanência e mudança, entre estrutura e evento.<sup>51</sup>

Uma das críticas que são feitas a F. Braudel é que a civilização pensada por ele se define e algumas vezes se reduz ao espaço: "O que é uma civilização senão antiga instalação de uma certa humanidade em um certo espaço".<sup>52</sup> Esse reducionismo influenciará boa parte da terceira geração, menos sua proposta de uma "história total", herdada da primeira geração e com ótimos desdobramentos explicativos.

---

<sup>51</sup> REIS, *Op. Cit.* P. 64-65.

<sup>52</sup> BRAUDEL *apud* DOSSE, *Op. Cit.* p. 136.

## VI. A PROFISSIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

As Universidades surgiram na Idade Média, os que nelas graduavam podiam lecionar em qualquer lugar, sendo por isso chamadas de *Studia Generale*. Como decorrência do renascimento urbano e de outros fatores, cresceu o número de Universidades na Europa, muitas baseadas no estudo da teologia. No Brasil, ainda no século XIX, com D. João VI, ao chegar como Príncipe Regente, foram iniciadas várias escolas superiores. Com D. Pedro I terão início os cursos jurídicos de São Paulo (1827) e de OHnda(1828).

A História surgiu como disciplina curricular no interior da organização do sistema público de ensino, no contexto das lutas burguesas na França do século XVIII. Nesse período, a educação além de se tornar publicizada, tornou-se também universal. À História coube, enquanto disciplina curricular, buscar no passado a justificação da importância da classe social emergente bem como dos objetivos de sua luta. O século XIX acrescentou, paralelamente aos grandes movimentos que ocorreram visando construir os Estados Nacionais sob hegemonia burguesa, a necessidade de retornar-se ao passado, com o objetivo de identificar a "base comum" formadora da nacionalidade. Especial atenção às origens foi dada pelos Alemães e Italianos, Estados atrasados no processo de unificação. O Brasil também devia buscar as suas origens, daí a importância dos estudos de Martius sobre as três raças na constituição da Nação.

Sob a influência do pensamento liberal francês, no Brasil, após a

Independência de 1822, foi estruturada o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, instituição que deveria funcionar como padrão no ensino secundário público.

A influência francesa foi assumida pelos próprios idealizadores. Bernardo Pereira Vasconcelos, Ministro e Secretário de estado da Justiça e Interino do Império, discursando na festa de inauguração (...) afirmava: 'foi preciso buscar no estrangeiro a experiência que nos faltava, a atuação irresistível que então exerciam sobre nós as ideias, as instituições e os costumes franceses, impôs-se o modelo francês'. Correntemente ao modelo proposto, desde o início, a base do ensino centrou-se na traduções de compêndios franceses. (...) Reformas posteriores cuidaram de adequar o programa de estudos do Colégio às últimas modificações realizadas nos Liceus Nacionais de França. Constantemente, na falta de traduções apelava-se diretamente para os próprios manuais franceses.<sup>53</sup>

No entanto, os estudos históricos propriamente ditos, só iniciaram com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, que estabeleceu, entre seus objetivos, a formulação de uma história nacional.<sup>54</sup> No século XX, sentiu-se, entre os que se preocupavam com o futuro do país, no setor de ensino, a necessidade de alargar os horizontes para os jovens. A fermentação característica da década de 1920, do ponto de vista do ensino, expressou-se ainda num movimento renovador, abrangendo a campanha pela fundação das Universidades no país. O passo fundamental para a efetivação desta medida concretizou-se ao se instituírem as escolas de ciência social, como a de Sociologia e Política, em São Paulo, em 1932, e as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente em 1934 e 1935.

Tais instituições buscaram diagnósticos para a crise nacional e procuraram formar os técnicos que a sociedade reclamava. Superado o padrão bacharelesco e pretensamente humanista da educação tradicional, fruto de preconceitos que

---

<sup>53</sup> NADAI, Elza. A escola pública contemporânea: os currículos oficiais de História e o ensino temático.

*Revista brasileira de História*. São Paulo, p. 106. set.85/fev. 86.

<sup>54</sup> Ver o capítulo 1.

garantiam a ordem social, o ensino imperial é reformado. Desenvolvem-se escolas e

orientações intelectuais, em consonância com a necessidade de construção de um Brasil novo. Data daí a evolução da Economia, da Sociologia e em menor escala, da Antropologia e da Política, que buscam novas explicações a respeito da realidade brasileira. Se nem sempre acertam, é porque tentam aplicar as fórmulas da ciência europeia ou norte-americana, moldadas para sociedades desenvolvidas, com a devida falta de ajuste. Com o tempo, no entanto, elas se apuram na técnica e delimitam com rigor o objeto, adequando a metodologia, de modo a obterem maiores êxitos. Pode-se dizer que as ciências sociais ajudam na construção de um Brasil moderno e eficiente, do qual são expressões e agentes diretores.

Conforme sublinha Fernando de Azevedo, mais do que nunca tornou-se gritante a carência, entre nós, de personalidades realmente dignas de exercerem cargos de magistério superior, no ensino dos vários domínios da especialidade intelectual e científica. No caso particular da História da civilização, estávamos diante de um vazio quase absoluto. Deveras, um fator a dificultar consideravelmente a compreensão e a própria pesquisa da História do Brasil, era o que podemos chamar de completa falta de base no concernente à História geral. A maneira perfunctória como a matéria era ensinada no curso secundário não permitia seu aproveitamento para a elucidação de inúmeros traços da História brasileira, resultando daí o divórcio quase total entre o campo nacional e o geral do desenvolvimento histórico. Desde a escola, portanto, era o Brasil visto como algo mais ou menos isolado do resto do mundo, compreendendo-se, diante disto, a facilidade de expansão dos dogmas "ufanistas". Com as recém-fundadas Faculdades de Filosofia, tinham os que se sentissem atraídos pelo estudo da

História, pela primeira vez no país, a oportunidade de frequentar cursos em que a matéria, na medida das possibilidades, era ministrada segundo moldes

européus. Lançavam-se assim os fundamentos sobre os quais pudesse florescer uma moderna historiografia brasileira. Para São Paulo e Rio de Janeiro vieram professores franceses, cujos nomes jamais foram esquecidos, ao tratar-se da história cultural do país; Émile Coornaert, Fernand Braudel, Henri Hauser, Eugène Albertini, Lévi-Strauss, Jean Gagé. Sob a orientação deste último, as cadeiras de História, em São Paulo, principiaram a formar seus primeiros doutores. Por mais defeituosas que fossem as teses apresentadas, em virtude das condições dominantes, não se pode negar que representam um grande progresso. Pela primeira vez, no Brasil, trabalhava-se metodicamente sob a orientação de um mestre europeu e dava-se ao movimento de auto-crítica que fermentava na elite brasileira, uma nova direção, na medida em que se principiava a ver o Brasil como uma parte do mundo ou, ao menos, do ocidente. Compreendia-se, assim, o quanto de absurdo havia naquela atmosfera antes predominante, em que se tinha a impressão de viver isolado do resto da humanidade.

Com a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, nela se integrou a maioria das Faculdades e Escolas Superiores já existentes no Estado de São Paulo. Para o que nos interessa, a sub-seção de Geografia e História, Defontaines e Coornaert foram substituídos, em 1935, por Pierre Monbeig e Fernand Paul Braudel, que tanto contribuíram para a implantação do ensino de Geografia e História nos moldes modernos. Em 1935, a Universidade de São Paulo teve ainda novos professores: Afonso d'Escagnole Taunay (História do Brasil), Plínio Ayrosa (Etonografia e Língua Tupi-Guarani) e para História Americana, foi convidado e aceitou o professor Paul Vanorden Shaw, dos Estados Unidos. No setor da História, a chegada de professores estrangeiros para a Universidade de São Paulo, objetivando formar uma geração capaz de levar adiante as atividades

docentes, em alto nível, auspiciava a renovação. Mas este foi um exemplo isolado. Na quase totalidade dos estabelecimentos que, aliás, proliferaram, os professores foram recrutados entre os eruditos locais, sem mesmo formação universitária específica. Sobretudo os professores de História do Brasil, catedráticos de primeiro provimento, que permaneceriam muitos por mais de 20 anos, foram recrutados entre os membros dos Institutos Históricos e das Academias de Letras, sendo não apenas totalmente despreparados, além de portadores de uma orientação superada.

Nessa década destaquemos também Anísio Teixeira, então Secretário de Instrução Pública do Rio de Janeiro, que idealizou e fundou a Universidade do Distrito Federal em 1935. A exemplo de São Paulo, foram contratados professores estrangeiros para lecionar na recém inaugurada Universidade juntamente com alguns brasileiros. Entre os nomes de reconhecido valor intelectual encontravam-se: Sérgio Buarque de Holanda, Josué de Castro, Gilberto Freyre, Lúcio Costa, Heitor Villalobos, Cândido Portinari, Antenor Nascente e Lourenço Filho. Por incomodar desde cedo os setores retrógrados da sociedade brasileira, essa Universidade teve curta duração, ou seja, não conseguiu resistir ao autoritarismo do Estado Novo sob o comando de Vargas. Em 1939 teve seus cursos transferidos para a Universidade do Brasil que tinha sido criada em 1920, e que hoje conhecemos como Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### 6.1 As missões francesas com destino ao Brasil



O Brasil sempre foi visto, desde da época em que era América Portuguesa, como um lugar que precisava ser educado. Por isso temos as inúmeras missões com destino ao Brasil para "catequiza-lo", ou então, para formar uma elite intelectual para responder aos anseios dos governantes. Em função do que se pode chamar de circulação de ideias -devida aos laços entre as sociedades europeias e as brasileiras, as diversas propostas para a sociedade brasileira eram, quase que poder-se-ia dizer, natural e inevitavelmente, as mesmas que para as sociedades europeias. A importância dos modelos comunistas e fascistas de sociedade, por exemplo, na conjuntura política dos anos vinte e trinta, portanto, é tão significativa na França como no Brasil. As tendências germanófilas também são mostradas em ações concretas como o grupo "hitlérien" no Rio de Janeiro, em maio de 1932. Kátia Matoso, num estudo conhecido como *Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798*,<sup>55</sup> publicado em 1969, faz um inventário das bibliotecas de alguns revolucionários do período provando que houve influência de ideias francesas sobre o movimento sedicioso baiano. Num segundo estudo, *Ideia de revolução no Brasil*,<sup>56</sup> Carlos Guilherme Motta reitera a questão da influência das ideias estrangeiras na consciência dos povos colonizados.

---

<sup>55</sup> MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. *Presença francesa no movimento democrático de 1798*. Bahia: Itapuã, 1969.

<sup>56</sup> MOTTA, Carlos Guilherme. *Ideia de revolução no Brasil (1789-1801)*. 2 ed, São Paulo: Cortez, 1989.

No caso da França foram várias as missões oficiais com destino ao Brasil: a primeira foi a "missão artística", a pedido de Dom João VI; a segunda missão

foi na recém proclamada República, com a finalidade de instruir os oficiais do Exército. Outras vieram depois para organizar a Força Pública do Estado de São Paulo em 1906; e ainda uma segunda missão para o mesmo Estado teve lugar em 1919.<sup>57</sup> Mas dedicaremos mais atenção à missão que veio com a incubência de estruturar a USP. Esta última com docentes "agrégé": Fernand Braudel, Pierre Monbeig, Ungaretti, Roger Bastide, Paul Arbousse-Bastide, Lévi-Strauss, entre outros, incubidos de lecionar na Faculdade de Filosofia. Costuma-se afirmar que a escolha desses profissionais foi muito acertada, mas na década de 30 eles tinham vinte e poucos anos e eram recém-formados. Por isso, a escolha não se deu por reconhecimento intelectual, pois somente mais tarde é que se tornariam famosos devido às suas reflexões. O caso de Fernand Braudel é sintomático: quando esteve no Brasil, substituindo um professor da Sorbonne que tinha falecido de pouco, não tinha ainda publicado sua tese de doutorado que o consagrou como um dos maiores historiadores deste século, qual seja, *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico de Felipe II*. Devemos ainda observar que aqui no Brasil parte da tese braudeliana foi redigida, utilizando para isso sua perspicácia intelectual numa nova terra fomentadora de *insight*, como reconheceu em algumas entrevistas.<sup>58</sup> Braudel chegou mesmo a afirmar, no final de sua vida, que "se tornou inteligente no Brasil,

---

<sup>57</sup> A historiografia recente mostra a influência da Missão Militar Francesa, contratada em 1919 pelo governo brasileiro, ao facilitar a centralização das decisões de cúpula, mas que se efetiva somente após 1930. Um dos especialistas afirma não ser possível estabelecer relações entre a missão e os movimentos de rebeliões militares de patente mais baixa frequente nesse período. Cf. DRUMMOND, José. *O movimento tenentista: a intervenção política de oficiais jovens*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

<sup>58</sup> BRAUDEL, *Op, dl*, entrevista, 1994.

em São Paulo especialmente". Mas lembremos que uma de suas imagens mais

felizes para exemplificar o tempo curto, o tempo do evento, os "Vaga-lumes", foi tirada de sua estadia na Bahia. Alguns alunos brasileiros relatam que Braudel era firme em suas posições. Como sabemos, a segunda fase dos *Annales* foi marcada pelas opiniões de Braudel, e mais do que isso, foi novo momento que houve um grande expansão dessa escola.

O critério de escolha dos profissionais franceses para atuar no Brasil foi completamente aleatório:

Lévi-Strauss conta, no primeiro capítulo de *Tristes trópicos*, que era formado em filosofia, mas desejava ser antropólogo. Relembra que, num certo dia, recebeu um telefonema de um filósofo, seu professor, perguntando se continuava com a ideia de estudar índios. Diante da confirmação, esse professor disse: "Então, você precisa falar com Georges Dumas, pois ele está organizando uma missão que vai para uma Universidade em São Paulo, recém-criada; e nos arredores dessa cidade enxameiam índios". Esse foi o critério para a escolha de Lévi-Strauss. (...) Nas Ciências Sociais, além dos franceses, contribuíram os professores americanos e ingleses. Mas, na História, o papel fundamental foi dos franceses. Entre outros, Jean Gagé, Émile Leonard, Émilc Coornaert e, naturalmente, Braudel.<sup>59</sup>

Ao contrário do que ocorrera com os demais cursos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, a permanência de estrangeiros no curso de História foi pequena. Fidelino de Figueiredo na Literatura, Roger Bastide na Sociologia, Maugue na Filosofia e Pierre Monbeig na Geografia conseguiram acompanhar a trajetória de vários alunos devido ao fato destes professores permanecerem de dez a vinte anos na instituição paulista. Braudel, que ficou de 1935 a 1937, teve a preocupação de formar profissionais para lhe substituírem quando de seu retorno à França. E por isso que, dos professores

---

<sup>59</sup> NOVAIS, Fernando. Braudel e a "missão francesa". *Estudos avançados*. São Paulo, v. 8, n. 22, p.161- 166, set/dez. J994.

assistentes de F. Braudel, Eurípedes Simões de Paula e Eduardo de Oliveira França se tornaram professores da cadeira que aquele ministrava. Enfim, a tradição francesa marcou o Departamento de História da USP definindo seu perfil de 1934 a 1969 ao acoplar o sistema de cátedra vitalícia. Isto explica porque a produção científica nesse período esteve mais ligada à carreira individual. A partir dos novos padrões de produção científica criados em 1969 por meio da Reforma Universitária, buscou-se também contemplar o modelo adotado nos Estados Unidos.

## VII. OS PRIMEIROS HISTORIADORES BRASILEIROS INFLUENCIADOS PELA "ESCOLA DOS *ANNALES*"

Os integrantes da "Missão francesa", ao começarem a lecionar na Universidade de São Paulo em 1934, introduziram a preocupação com a orientação metodológica e com o rigor da análise documental. Como não poderia deixar de ser, iniciaram uma relação temática com os desenvolvimentos historiográficos oriundos da França. Mesmo que não queiramos importar perspectivas dos outros para o nosso meio, devemos levar em conta que o pensamento sofre, inconsciente ou não, o processo de circularidade de ideias no conhecimento. Destarte, assim como ocorreu um grande progresso de estudos económicos realizados na Inglaterra devido à influencia dos *Annales*, principalmente de Braudel e Labrousse como disse Hobsbawm,<sup>60</sup> no Brasil vários pesquisadores também souberam aclimatar algumas problemáticas da referida escola francesa. É verdade que desde cedo os historiadores brasileiros trabalharam com métodos importados, que favoreceram o amadurecimento de novas gerações de pesquisadores da História. Por isso é que a penetração da "Escola dos *Annales*" foi e é uma realidade na formação académica de muitos dos atuais historiadores brasileiros. No entanto, assim como em vários países, particularmente na Alemanha, em que a historiografia permanece bem centrada nas propostas weberianas, no Brasil ocorre uma certa resistência à liderança francesa na pesquisa histórica.

---

<sup>60</sup> HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 194.

A acusação mais grave direcionada àqueles historiadores é a da perda da dimensão político-nacional. Reconhecem alguns historiadores que se os pais fundadores dos *annalistes* abriram amplas possibilidades para o conhecimento histórico, a "nova História",<sup>61</sup> ao mesmo tempo produzem um discurso narrativo fragmentado, sem vínculo com a realidade social. Fernando Novais, num prefácio de uma coleção que mostra a clara influência dos *Annales* no Brasil, escreve que:

sempre nos pareceu que a grande e principal qualidade da "nova" história está na abertura de nova temática, com o consequente enriquecimento do discurso historiográfico; mas também, em sentido contrário, sua fragilidade básica reside na como que recusa em elaborar um esquema conceitual igualmente novo e adequado à abordagem dos novos temas, preferindo antes acentuar o seu caráter "descritivo", melhor seria dizer narrativo. De tal postura, muito visível, aliás, nos diversos "manifestos" da nova escola (que, diga-se de passagem, é fértil neste tipo de reflexão), decorrem consequências: (...) belíssimas reconstituições dos hábitos, dos gestos, dos saberes, dos amores, do cotidiano, da sensibilidade, enfim da *mentalité*, ficam pairando no espaço como se nada tivessem a ver com as outras esferas da existência, as formas de estruturação da sociedade e do Estado, os modos de organização da vida material etc.<sup>62</sup>

Esse caso se torna ainda mais interessante ao depararmos com alguns dos textos da coleção citada, e percebemos que eles não conseguiram resolver os problemas levantados por Fernando Novais. Não caberá ao propósito dessa monografia (devido a limitação de tempo e meios materiais de pesquisa) continuar essa discussão, ficando

---

<sup>61</sup> Nas últimas décadas houve uma proliferação do adjetivo "novo" para diferenciar das pesquisas radicadas nos paradigmas tradicionais. No entanto, deste o século passado, vários artigos e obras já traziam este adjetivo para destacar novas propostas na História tal como "Features of the New History", revista publicada de 1897-1898 por Karl Lamprecht. Ver OLÁBARRI, Ignacio. "New" New History. *History and theory*, Middletown: Beiheft, n. 1, 1995, p. 4. Ver também BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992, p. 17-19.

<sup>62</sup> NOVAIS, Fernando. Prefácio. In: *História da vida privada no Brasil*. Coleção dirigida por F. Novais, v. 1, (org.) Laura de Mello e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

postergada uma análise mais criteriosa da terceira geração dos *Annales* e sua influência na historiografia brasileira.

### 7.1 Eurípedes Simões de Paula: a Revista de História como reflexo da interdisciplinaridade dos *Annales*

O trabalho dos franceses floresceu no Brasil num ambiente intelectual propício. Se por um lado junto às inovações propostas pelos *Annales* traziam a experiência com o trabalho metodologicamente orientado, por outro não podemos esquecer que encontraram uma patente produção historiográfica nacional de grande erudição. Como dissemos nos capítulos anteriores, em múltiplos aspectos essa época corresponde a um repensar do Brasil, que teve trabalhos pioneiros, tais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Com certeza, Eurípedes Simões de Paula soube aproveitar os ensinamentos dos mestres brasileiros fazendo-os se unir às propostas dos missionários franceses. Desta forma, explica-se que a tese de doutorado do professor Eurípedes, defendida em 1942, orientada por Jean Gagé, expressava as influências das obras de Marc Bloch e Fernand Braudel. Com o nome de *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*,<sup>63</sup> esse professor buscava estudar os aspectos da História

---

<sup>63</sup> SIMÕES DE PAULA, Eurípedes. *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*. São Paulo: Boletins da Faculdade de Filosofia. Ciências e Letras - Universidade de São Paulo, n.3, 1942.

Medieval na ótica de cruzamento de espaços com a análise de relações político-econômicas. Nesse período, as obras com abordagens nos aspectos econômicos estavam em alta em várias partes do mundo, em especial entre os franceses ligados aos *Annales*, tanto por parte de Bloch como de Labrousse e mais tarde Braudel. No exame da obra citada acima, percebe-se a busca constante do historiador brasileiro em se servir de trabalhos publicados pelos franceses. Para ilustrarmos a influência de M. Bloch, Eurípedes escreveu na introdução do seu trabalho que procurava "estabelecer um paralelismo, sempre que possível, . entre a evolução da História Medieval no Ocidente e no Oriente da Europa"<sup>64</sup> Num outro artigo, publicado antes da tese de doutoramento "Tartesso e a rota do estanho",<sup>65</sup> Eurípedes S. de Paula já se interessava pelos aspectos econômicos e geográficos, aspectos centrais nos artigos daquele período na "Revista dos Annales".

Quanto à Braudel, lembremos que foi o primeiro a apresentar aos seus alunos a existência de *Révue des Annales*<sup>66</sup> Eurípedes Simões de Paula foi assistente do professor Fernand Braudel nos três anos que esteve na FFCL, na cadeira de História da Civilização (que neste período abrangia desde a História da antiguidade até a contemporânea). Ainda, a tese de Braudel *La Méditerranée et le Monde méditerranée à l'époque de*

---

<sup>64</sup> SIMÕES DE PAULA, *Op. Cit.*, 1942, p. 5.

<sup>65</sup> SIMÕES DE PAULA, Eurípedes. Tartesso e a rota do estanho. *Estudos ibero-atlânticos*, São Paulo, Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Universidade de São Paulo, 1940.

<sup>66</sup> FRANÇA, Eduardo de Oliveira. Um professor de História. *Estudos avançados*, v. 8, n. 22, p. 151-160, set/dez. 1994.



*Philippe II*<sup>67</sup> foi publicada em 1949, mas seu projeto remonta a 1929, por isso, refletida e em parte escrita no Brasil. Como se trata de um trabalho de mapear influências, talvez seja necessário dar voz ao mencionado historiador paulista para que então possamos perceber como a sua proposta interdisciplinar e seu "humanismo" se aproximam dos de Lucien Febvre, mais especificamente nos *Combates pela História*.<sup>68</sup>

falamos de *Homem*, o único objeto da História. Assim, colocamos a História no centro das disciplinas humanas - ao lado da Antropologia, da Psicologia, da Linguística, da Sociologia, da Demografia, da Economia, da Literatura e de muitas outras. Mas a História não se interessa pelo Homem abstrato, eterno, imutável no seu íntimo e perpetuamente idêntico a si próprio, mas, pelo Homem membro de uma sociedade, de uma época bem determinada, Homem dotado de funções múltiplas, de atividades diversas, de preocupações e aptidões variadas, todas se entrelaçando, se chocando, se contrariando, e acabando por concluir entre elas uma paz de compromisso, um *modus vivendi* que se chama Vida.<sup>69</sup>

Em seguida, citaremos a passagem em que Eurípedes Simões de Paula anseia pela História-problema no lugar da narrativa exata e precisa dos eventos, tal como manifesta o historiador dos *Annales*, Lucien Febvre:

como se deve comportar o historiador perante a História? Antes de mais nada justifica a colocação de um ou vários *problemas*, pois se não houver *problemas* não haverá História, mas como é óbvio, narrações e compilações. Após o *problema* formulado, deve-se passar à elaboração de hipótese. (...) Quando aquele que se diz historiador não *formular problemas* e elaborar hipóteses, podemos ter certeza de que ele está atrasado em relação aos *modernos estudiosos da nossa disciplina*. (grifo meu)<sup>70</sup>

<sup>67</sup> BRAUDEL, Fernand Paul. *La Méditerranée et le Monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Librairie Armand Colin, 1949.

<sup>68</sup> FEBVRE, *Op. Cit*, 1977.

<sup>69</sup> SIMÕES DE PAULA, Eurípedes. Algumas considerações sobre a contribuição da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a Historiografia brasileira. *Revista de História*, São Paulo, v. LIII, n. 88, p.425-451, out./nov. 1971, p.426.

<sup>70</sup> SIMÕES DE PAULA, *Op. Cit*, 1971, p. 427.

Para melhor compreendermos o leque de influência de Eurípedes é de bom grado focalizarmos a sua concepção de História. Enquanto os primeiros membros dos *Annales* consideram a História como um estudo "cientificamente conduzido", o autor de *O comércio varegue...* compreende a História "identificada como o estudo *cientificamente organizado* das atividades e das criações do Homem, captadas no tempo e no espaço." Segundo Eurípedes, "estudo cientificamente organizado" e não uma "ciência", pois "os historiadores viviam num respeito pueril e devoto ao *fato histórico*. Quanto mais fatos soubessem, mais adiantados estariam nos seus estudos. Quanto a tal obsessão factual, já se insurgia Marc Bloch, em seu nunca demais lembrado *Le Métier d'historien*.<sup>71</sup>

Para concluirmos nossa análise do professor Eurípedes, destacamos o lançamento da *Revista de História*, que teve sua primeira edição em 1950. Assim como a "Revista dos Annales" foi um projeto retomado de Lucien Febvre quando estava em Estrasburgo, a *Revista de História* (FFLCH-USP) também foi consequência do interesse de Eurípedes Simões de Paula, compartilhado com Braudel, de um projeto abortado no final da década de 30, quando aquele era assistente deste. Finalmente, em 1950, foi possível a concretização de tal projeto, sendo Febvre convidado para apresentar uma palestra intitulada "O homem no século XVI", que saiu impressa no primeiro número da revista. Eurípedes almejava, com as publicações, a interdisciplinaridade presente na revista dos *Annales*. Eurípedes foi um grande incentivador do curso de História da USP, pois viajava muito, principalmente para a Europa, trazia muitos livros para compor a biblioteca da Faculdade e, ao mesmo tempo, divulgava a revista por ele fundada,

---

<sup>71</sup> SIMÕES DE PAULA, *Op. Cit*, 1971.

corno nos relatou Maria Luiza Marcílio em entrevista.<sup>72</sup> Destaquemos também que esse professor muitas vezes financiou do próprio bolso o custeio da *Revista de História* para não atrasar nenhum número. Infelizmente, o seu exemplo não foi seguido, pois a revista ficou um bom tempo sem circulação.

## 7.2 Eduardo de Oliveira França: um combatente no Brasil

A busca de interdisciplinaridade que hoje se propõe como aspiração teórico-metodológica de formação cultural teve, nos primeiros anos da FFCL-USP, as condições ideais de se desenvolver graças ao encontro de jovens europeus promissores e, de professores, advogados e outros brasileiros ávidos de uma profissionalização consagrada pela cultura humanista. Convivendo nesse ambiente que almejava ares transformadores, Eduardo de Oliveira França, depois de cursar na Faculdade de Direito, empregou seu tempo em mais um curso, desta vez o de História, caminho comum de vários historiadores, entre quais Sérgio Buarque do Holanda e Caio Prado Júnior. Nas palavras do professor França, "optei por História porque estava mais próxima da linha de meus interesses, das minhas leituras e das lembranças do ginásio, onde tive bons professores da disciplina",<sup>73</sup> além da influência exercida por colegas como Eurípedes Simões de Paula e Astrogildo Rodrigues de Melo. Eduardo de O. França lembra com orgulho do carinho

---

<sup>72</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. A influência dos Annales no Brasil. Entrevista concedida a Renato Melo em 13/08/88.

<sup>73</sup> FRANÇA, *Op. Cit.*, 1994, p. 151.

dos mestres estrangeiros para com os alunos, principalmente um certo professor *agrégé* chamado Fernand Paul Braudel. Este professor recém-chegado elegeu alguns alunos e Eduardo de Oliveira estava entre os escolhidos. Também o professor Pierre Monbeig foi instrutor de Eduardo de Oliveira, e, como Braudel, procurava formar alunos que iriam substituí-lo quando de seu regresso ao país de origem. Fernand Braudel iria orientar a tese de doutoramento do professor Eduardo França, mas como ficou apenas três anos no Brasil, aquele foi orientado por Euripedes, aluno da primeira turma da Faculdade fundada em 34 e sucessor de Braudel. O professor França desejava fazer sua tese sobre História do Brasil, mas não pôde, porque era assistente da cadeira de História Moderna e Contemporânea. Isto explica porque a sua tese foi sobre *O poder real em Portugal e as origens do absolutismo*,<sup>74</sup> pois, de certa forma, queria estar próximo da História do Brasil, que tinha como catedráticos dois brasileiros: Afonso Taunay e Alfredo Ellis Júnior.

Como se sabe, os fundadores da Universidade de São Paulo evitaram colocar estrangeiros para lecionar as cátedras de História do Brasil quando foi estruturado o Departamento de História. A cadeira de História da Civilização Brasileira então ficou com os setores tradicionais do ensino, ficando portanto à margem da renovação operada nas disciplinas relativas a historiografia mundial. Somente mais tarde é que a cadeira de História da Civilização Brasileira foi endereçada a Sérgio Buarque de Holanda, que propôs uma visão além daquela vigente nesta cadeira. Com a tese citada acima, Oliveira França reafirmou o diálogo com a "Escola dos

---

<sup>74</sup> FRANÇA, Eduardo de Oliveira. *O poder real em Portugal e as origens do absolutismo*. São Paulo: Boletim LXVIII, USP, n. 6, 1946.

*Annales*". *O poder real em Portugal e as origens do absolutismo* expressou o desdobramento de temas tratados pelos franceses, tais como o feudalismo, as monarquias nacionais, as condições dos novos espaços de dominação, etc. Quanto à tese de cátedra, *Portugal na época da Restauração*, de 1951, expressa Eduardo de Oliveira França as influências de Febvre, Hazard e Huizinga. Teoricamente, os conceitos de matrizes weberianas já aparecem mais elaborados. Nesse trabalho se apresenta o que hoje conhecemos como História da cultura e das mentalidades. Eduardo de Oliveira chega quase a uma postura etnocêntrica invertida na introdução de sua tese de doutorado para mostrar os laços do Brasil com a Europa. Escreve França que:

à nossa formação mental e institucional, duas são as histórias que mais particularmente interessam: a portuguesa e a francesa. De Portugal tivemos o ser; descobriu-nos ele perdidos em nossas brenhas, índios nus e brutos, vestiu-nos, incorporou ao mundo. Depois, quando nos libertamos do colonialismo, veio a cultura francesa polir, para acabamento melhor, as arestas de construção nova onde já se entremostravam, pelas marcas de origem, leves tintas de procedência gaulesa.<sup>75</sup>

Percebemos que a influência dos *Annales*, do ponto de vista metodológico, persistia na Faculdade, embora a incorporação de reflexões de natureza marxista começasse a apresentar pequenas mudanças nas pesquisas (que não será objeto de estudo aqui). O professor França dizia que os mestres franceses davam mais atenção a quem pudesse desempenhar papel de relevo na USP, pois, "eles se empenhavam nisso, dando preferência a alguns alunos e a esses assistiam com atenção especial. Esse foi um dos aspectos mais positivos da missão

---

<sup>75</sup> FRANÇA, *Op. Gi.*, 1946, p. 9.

francesa na USP." O desempenho de Eduardo de Oliveira França foi satisfatório, pois chegou a ser assistente de Braudel e Etnile Leonard antes de chegar à regência da cadeira.

Tornei-me assistente do professor Braudel quando ele veio pela segunda vez ao Brasil. O sucessor dele na cátedra foi então o professor Emile Leonard, que me conservou no posto. Quando este se retirou, depois de anos, era prevista a vinda de outro professor francês. Mas a direção da Faculdade achou melhor que eu assumisse a regência. Algum tempo depois, ao invés de inscrever-me para a livre-docência, fiz concurso para catedrático e fui aprovado.<sup>77</sup>

Tal como Euripedes S. de Paula, Eduardo de Oliveira França lia com frequência trabalhos produzidos em outras partes do mundo e, por influência da missão francesa, lia artigos publicados pela revista francesa *Annales* e as obras individuais de seus condutores. De fato, falava com desenvoltura dos membros dos *annalistes*, contrapondo-os aos paradigmas tradicionais da História. Numa palestra direcionada aos seus alunos, sublinhava que:

Ranke dizia que o Historiador devia deixar falar os fatos e abster-se. Eis o que é impossível. Os fatos não falam nada; eles são mudos, mudos como os mortos. Lucien Febvre critica, e com razão, essa historiografia que pretende reunir fatos e mais fatos sem a participação da inteligência do historiador. Compara-a à tarefa de quem recolhe uma porção de cubos de um jogo de *puzzle* e procura arranjá-los para reconstituição dos quadros tão completos quanto possível. Esses fatos extraídos da documentação eventual, uma vez bem arrumados, coordenados direitinho, poderiam depois ganhar vida ao toque mágico do historiador.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> FRANÇA, *Op. Cit.*, 1994, p. 153.

<sup>77</sup> FRANÇA, *Op. Cit.*, 1994, p.155.

<sup>78</sup> A palestra foi pronunciada no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, sendo depois publicada na *Revista de História*, São Paulo, n. 8, p.253-269, out./dez. 1951.

Como podemos perceber, o professor França já estava bem a par dos "combates" travados pelos membros dos *Annales*, principalmente daqueles contra a História tradicional; dirigidos pelo especialista do século XVI, Lucien Febvre. Nessa palestra, discutindo a relação entre realidade histórica e verdade histórica, o professor da USP diz que:

há uma refração nessa realidade que é o historiador interposto entre elas. A história-ciência é a realidade vista através das lentes dos olhos do historiador. É nesse sentido que afirma Febvre: 'Não há história, há historiadores'. Cada um põe na história que escreve um pouco de si mesmo. Compreende os fatos como pode compreendê-los.

Para continuarmos analisando a influência de L. Febvre no professor Oliveira França, buscamos a sua fala quando diz: "A guerra defensiva que salvou a França na conflagração de 1914, <sup>79</sup> perdeu-a com a mentalidade da linha Maginot em 1940. 'A única lição que pretende dar a história é que não há lições de história'", ou seja, cita Lucien Febvre para reforçar o seu pensamento. Nada de estranho já que Eduardo de O. França mantinha contado pessoal com Febvre. Num desses contatos o historiador francês diz o seguinte ao professor França, que é significativo tanto pelo conteúdo relatado quanto pela consideração ao mestre brasileiro:

A propósito conta Lucien Febvre o seguinte episódio. Escrevera-lhe o Prof. Braudel da África anunciando sua tese de doutoramento na esperança de tê-lo por membro da banca. Sua tese: Felipe II e o Mediterrâneo no século XVI. Respondeu-lhe Febvre: por que não: O mediterrâneo e Felipe II no século XV?" Braudel recomeçou os estudos e só defendeu suas ideias 10 anos mais tarde".<sup>80</sup>

<sup>79</sup> FRANÇA, *Op Cit*, 1951, p. 261.

<sup>80</sup> FRANÇA *apud* MICELI, Paulo, Sobre História, Braudel e os vagalmines. A escola dos *Annales* e o Brasil (ou vice-versa). In: Freitas, *Op. Cit.* 1998.

Mas Eduardo de Oliveira França não esquece os ensinamentos do autor do *Le Métier d'historien*, o medievalista Marc Bloch. Como bom adepto da escola francesa, não aceitava compreender os fatos apenas pilhando as origens. Para isso, França cita o historiador descendente de judeus: "Insurgia-se Marc Bloch contra esse ídolo de certos historiadores: descoberta a origem está explicado o fato".<sup>81</sup> Era tanta a simpatia pelas propostas da "Escola dos *Annales*" que Oliveira França fez uma bela apresentação de Marc Bloch, num artigo para a *Revista de História* ainda em 1951. Com o título de "O testamento de um historiador: Marc Bloch", o autor de *O poder real em Portugal...* discorre com desenvoltura, apresentando os trabalhos publicados por Bloch. Numa apresentação estimulante do historiador francês morto pelos nazistas, Eduardo França assegura:

*O Métier d'historien* é o manifesto inacabado de um pugilo de historiadores. O grupo dos *Annales*. Saiu inteiro do pensamento de Bloch - e Febvre o publicou sem alterações -, e, certo, com outros da companhia, terá objeções a opor. Mas a inspiração de todos é uma só; a aliança da história com a vida: a história, ciência do homem. Ou dos homens. Ou do homem em sociedade. Hesitou Bloch entre dois nomes: *Apologie pour l'Histoire* ou *Le Métier d'historien*. Febvre conservou-os ambos. Sinceramente preferimos o segundo : hoje, que Marc Bloch está morto, dá-lhe um cunho de autobiografia espiritual. Publicado por delegação póstuma, seria preciso saber-se a história desse Castor e Pollux dos *Annales*, de uma convivência de um quarto de século, para se poder compreender a simpatia que o livro inspira.<sup>82</sup>

Sem dúvida, o livro transborda simpatia e erudição, um documento valioso escrito por um historiador munido de uma memória prodigiosa que contagiou não somente os historiadores, mas também a todos os que lhe dedicam algumas horas

<sup>81</sup> FRANÇA, *Op. Cif.*, 1951, p. 261.

<sup>82</sup> FRANÇA, Eduardo de Oliveira. O testamento de um historiador: Marc Bloch. *Revista de História*. São Paulo, n. 8, p. 433-442, out./dez., 1951, p. 434.



de leitura. Eduardo de Oliveira França assimilou tão bem as propostas dos *Annales* que as suas críticas em resenhas testemunham essa influência. Isto se comprova na crítica ferrenha que direcionou ao livro de André Louis, *Louis XVI et l'Europe*. O propósito era criticar a atenção exagerada aos aspectos políticos, tal como serviu de "cavalo de batalha" aos primeiros *annalistes*,<sup>83</sup> Para tirar do leitor as dúvidas dessa assimilação, citaremos uma passagem introdutória da crítica feita por França ao livro referido acima de André Louis:

Feito conscienciosamente, sem dúvida, mas um livro <sup>14</sup>vieux style". Esmagadoramente história-política. Essa historiografia continua sendo necessária, mas, apresentada sozinha, não satisfaz mais. Eu disse: sobre Luiz XIV? Não. Apenas sobre os episódios da diplomacia de Luiz XIV e seu imperialismo político. Livro clássico de professor burguês acostumado a apresentar os problemas resolvidos. Tudo sai límpido, sem angústias, refrigerado de objetividade. As personagens parecem recortadas em papelão. Mostradas mas não sentidas. (...) Pena, porém, que conte os acontecimentos sem sentir os homens. Fatos e fatos se sucedem, atropelam-se em cima do mapa da Europa. Mas o homem do século XVII, o 'honnête homme' não aparece. História de eventos diplomáticos e militares. Negociações. Planos, Guerras. Tratados. Questões, Missões. Aquisições territoriais. Alianças. Pazes. Tréguas. Fronteiras. Intrigas. Partilhas. Despedaçamentos. Os seres humanos são apenas entrevistados de passagem.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Embora hoje a História política volte à ordem do dia, só que mais sofisticada. Isto se comprova numa rápida olhada nas últimas publicações de alguns dos membros dos Annales. Sobre a discussão em torno do político ver: JULLIARD, Jacques. A política. *História: novas abordagens*, Direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora, tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. REIS, José Carlos. *A História, entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Ática, 1996. DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à nova História*. Tradução de Dulce da Silva Ramos; prefácio de Elias Thomé Saliba. São Paulo: Ensaio / Educamp, 1992.

<sup>84</sup> FRANÇA, Eduardo de Oliveira. Em torno de Luiz XIV: considerações a propósito de um livro recente. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, p.345-364, out./dez, 1951.

Como podemos perceber, o "combate" de acordo com a citação acima, também foi travado no Brasil em busca de uma História que superasse os eventos, os acontecimentos de superfície, as bolhas de espuma no dizer de Braudel. Igualmente, a História política foi rechaçada pelo brasileiro Eduardo França, que dessa maneira se filiou às proposições dos *Annales*. Para concluirmos a análise desse ilustre professor, apresentamos abaixo a entrevista que ele nos concedeu.<sup>85</sup>

ENTREVISTA CONCEDIDA EM 14/08/98 A RENATO MELO.

RENATO MELO - Professor França, o senhor se reconhece como um dos primeiros historiadores brasileiros influenciado pela "Escola dos Annales"?

EDUARDO DE OLIVEIRA FRANÇA - Sim. Não só um dos "primeiros", mas ligado à Escola. Fui aluno do professor Fernand Braudel na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e depois fui seu assistente quando ele voltou ao Brasil para a mesma Faculdade. Conheci Lucien Febvre quando estive no Brasil. "Contatos de influência" tive bastante com Braudel que, se tivesse permanecido no Brasil teria sido meu orientador de tese de concurso. Ele sugeriu o assunto básico - *Portugal na época da restauração*. Mas em nada orientou porque estava longe. A influência de Lucien Febvre e Marc Bloch se deu por meio de seus livros e da *Revista*. Na verdade, fui um discípulo infiel - à brasileira.

---

<sup>85</sup> FRANÇA, Eduardo de Oliveira. A recepção dos Annales no Brasil. Entrevista concedida a Renato

RM - Quais os outros historiadores brasileiros que o senhor vê como influenciados pelo grupo francês dos *Annales*?

E. O. FRANÇA - Não estou bem a par das tendências de nossos historiadores quanto às opções de suas orientações. Parece-me que podem ser pensadas como tendo sofrido influência de Braudel: Alice Canabrava (de São Paulo), Cecília Westphaíen (do Paraná). Branca Caldeira, minha colega de turma, estudou com Braudel em Paris. Já é falecida, não deixou obra. Talvez outro que tenha sofrido influência dos *Annales* em Paris seja Luis Lisanti Filho.<sup>86</sup> meu assistente, hoje afastado da historiografia (vive nos Estados Unidos). Creio que a influência de Braudel tenha sido maior entre os historiadores de Economia (não sei nomes).

RM - O senhor percebe a terceira geração dos *Annales* como uma continuidade ou ruptura das gerações anteriores?

E. O. FRANÇA - A "nova História" de Braudel é inegavelmente fiel à orientação dos *Annales* de Febvre e Bloch. A terceira geração que Braudel chamou de "Nova nova História"; embora de incontestável mérito, não se parece particularmente presa às ideias fundamentais de Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel. Entretanto, ela é fiel ao

---

Melo em 14/08/88.

<sup>86</sup> Luis Lisanti deve ser considerado também um dos precursores da demografia histórica no Brasil pela tese de doutorado *O Brasil e a Europa no fim do século XVIII*, defendida em 1960 na USP (mimeo).

espírito criativo e inovador dos *Annales*; continuação ela é, sem dúvida, mas disposta a buscar novos rumos, busca essa que vem do espírito dos *Annales*.

RM - Quais os pontos de contato ou não entre a historiografia brasileira e a "Escola dos *Annales*"?

E. O. FRANÇA - Sinceramente, apesar de bem informadas sobre a historiografia dos *Annales* não sei bem das novas operações da historiografia brasileira. Não estou negando que haja gente ligada ao pensamento dos *Annales*; estou dizendo que não sei o bastante para indicar "pontos de contato". "Meus alunos", conquanto muito bons, não se mostraram sensibilizados neste sentido, ainda que razoavelmente informamos sobre a escola.

### 7.3 Maria Luiza Marcílio e outros influenciados pela "Escola dos *Annales*".

Maria Luiza Marcílio, autora de livros como *Demografia histórica e Caiçaras*. foi a historiadora que introduziu a problemática dos *Annales* referente à Demografia Histórica no Brasil, Embora tenha sido orientada por mestres como Fernand Braudel, Louis Henry, e Labrousse, quando estava na França nos anos 60, também recebeu

---

<sup>87</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. *Demografia histórica: orientações técnicas e metodológicas*. São Paulo: Pioneira, 1977.

<sup>88</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. *Caiçara: terra e população*. São Paulo: Paulinas, 1986.

influências de Marc Bloch e Lucien Febvre. As influências de Bloch e Febvre foram indiretas como assume a própria autora. Já Braudel foi direta, pois assistiu as aulas em que esse historiador discutia os três volumes da obra *Civilização material, economia e capitalismo*<sup>89</sup> ou seja, ela viu "a germinação da Economia mundo de Braudel".<sup>90</sup> MarcíHo defende a ideia de que não se pode pensar uma História Social sem a Demografia Histórica, por isso transitava com facilidade entre uma e outra.

O autor desse trabalho perguntou a Maria Luiza MarcíHo se haveria continuidade ou não referente à terceira geração dos *Annales*. A autora respondeu que "como a História é filha do seu tempo" como dizia L. Febvre, "não houve um rompimento da terceira geração com as precedentes". Com esta resposta a historiadora brasileira concorda com o professor Eduardo de O. França e discorda de Ciro Flamarion Cardoso<sup>91</sup> e François Dosse.<sup>92</sup>

A professora Cecília Maria Westphalen pode ser considerada também uma historiadora influenciada pela "Escola dos *Annales*". O contato com as produções estrangeiras, principalmente com a *Révue de Synthèse Historique* e a *Révue des Annales*, propiciou à autora uma crítica às obras brasileiras que pecavam quanto às análises dos documentos. Westphalen reclamava do divórcio flagrante e irreparável que se verifica entre os historiadores do Brasil, "presos a uma História consagrada unicamente à

---

<sup>89</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo*. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>90</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. A influencia dos Annales no Brasil. Entrevista concedida a Renato Melo em 13/08/88.

<sup>91</sup> CARDOSO, Ciro F. Santana. História e paradigmas rivais. In: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia* (org.) Ciro F. Santana Cardoso e Ronaldo Viandas. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

<sup>92</sup> DOSSE, François. *CiL*, 1992.

pesquisa e à determinação de fatos", e aquela produzidos pelos "franceses do grupo *Annales*". Segundo a autora, esse grupo vivia a "inquietação da História", apresentando novas perspectivas. Essa professora, confirmando sua leitura da revista francesa, dizia que dos "debates e combates" não somente estavam ausentes entre os autores brasileiros, como também esse últimos desconheciam as críticas feitas à *história hislorizante*, concepção única que continuavam a se exercitar, alheios às aspirações da História acima da erudição pura. Uma História voltada para todas as Ciências do Homem, e dando um grande lugar "à cette histoire qui se fait sous nos yeux", que substitui os velhos métodos artesanais de outrora por novos métodos de prospecção e invenção. Com desenvoltura, essa professora citava os artigos publicados nos *Annales d'Hisioire Economique et Sociale* em debates e mesas redondas que participava, principalmente nos *Simpósios de Professores de História* nas décadas de 60/70.

Alice Piffer Canabrava, com o trabalho intitulado *O comércio no Rio da Prata -1580-1640* de 1942, investiga problemas similares aos da revista francesa *Annales*. Nesse trabalho foi focalizado o interesse pelo mundo ibérico e sua expansão colonial na América. Canabrava chegou a comentar que o tardio estabelecimento do ensino superior das Ciências Sociais retardou, no Brasil, a tomada de consciência quanto aos problemas conceituais e metodológicos propostos pela "nova" História defendida pela *Revue de Synthese Historique* e pelos *Annales*,

## VIII. CONCLUSÃO

A tentativa de mapear influências estrangeiras numa historiografia nacional se torna particularmente difícil devido à composição heterogênea das formações culturais. Mas, ao mesmo tempo, é um desafio, tendo em vista esse tipo de lacuna na historiográfica brasileira. Se no Brasil de hoje é fácil detectar as influências dos *Annales*, o mesmo não podemos dizer quando os historiadores franceses estavam no início de um "combate" às formas tradicionais de escrita e transferiram seus discursos além-mar. Na França atualmente há uma profusão de biografias de personagens históricos, juntamente com a multiplicação de estudos sobre o espetacular, o contingente e a curta duração, concepções ultrapassadas. Retornam à cena da História e com outros discursos e outras lições. Cabe, portanto, indagar: o vigor do *Annales* vai continuar? Não foi nosso interesse desenvolver essa questão nesse pequeno trabalho, embora seja pertinente tal pesquisa no futuro.

Nossa pretensão foi a de mostrar como os discursos históricos antes de 1930 serviram a uma demanda que nem sempre era muito qualificada. No entanto, com o avanço das demandas das camadas populares da sociedade brasileira, surgiu um descontentamento em relação aos padrões conservadores da História escrita pelo IHGB. Foi a partir daí que presenciamos a entrada de várias matrizes historiográficas novas na orientação dos pesquisadores brasileiros.

No Brasil, a inserção da problemática da "Escola dos Annales" se efetuou com a "missão francesa" de 1934. Como demonstramos, estavam presentes nessa missão

homens que já sabiam da existência da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, fundada em 1929 por M. Bloch e L. Febvre. Nessa missão também se encontravam professores recém saídos das universidades francesas, conhecidos como *agrégé*, que se tornariam referência obrigatória para vários intelectuais brasileiros. Eurípedes Simões de Paula e Eduardo de Oliveira França foram alguns dos primeiros brasileiros a assimilarem a proposta da revista francesa e a produzirem trabalhos sob seu escopo, ou seja, novos problemas através de novos objetos de estudos. Estes pesquisadores foram seguidos por outros e outras, principalmente por Maria Luiza Marcilio, Alice Canabrava. Nos trabalhos desenvolvidos pelos historiadores brasileiros vemos mesclarem outras matrizes além dos *annalistes*, como o marxismo e a sociologia weberiana, até hoje ensinadas em algumas cadeiras da Universidade brasileira: matrizes intelectuais que infelizmente não tivemos tempo de expor nesse trabalho. Embora limitado, esperamos que a presente monografia venha a contribuir para uma melhor percepção do campo de influências efetuadas na historiografia brasileira, proporcionando assim uma melhor apreensão da nossa produção histórica.



## BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Paulo E.. *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. Filosofia francesa e tradição literária no Brasil e nos EUA. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 40, p. 31-53, nov., 1994.
- ARRUDA, José Jobson. História e crítica da História econômica quantitativa. *Revista de História*, São Paulo, n. 110, 1977.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A temática regional: considerações historiográficas. *Anais do Museu Paulista*, v. 35, p.155-166, 1986-1987.
- BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. São Paulo/Lisboa: Martins Fontes/Edições 70, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à História*. São Paulo: Europa-América, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- BOURDE, Guy, MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Portugal: Europa-América, 1983.
- BRAUDEL, Fernand. A falência da paz; 1918-1939. *Revista de História*, São Paulo, n. 6, 1951.
- \_\_\_\_\_. Caderno de programas e leituras. *Jornal da tarde*, São Paulo, 28 jan. 1984, p. 1. Entrevista concedida a Reali Júnior.
- \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. O historiador do cotidiano. *Revista de História*, São Paulo, n. 93, p. 231-239, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Civilização material, economia e capitalismo*. Tradução de Telma Costa, São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. História e a Sociologia. *Revista de História*, São Paulo, n. 61, p. 11-31, 1965.
- \_\_\_\_\_. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Presença, 1982. . *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a História*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRESCIANI, Maria S. O Mito da interdisciplinaridade e outros mitos. *Revista de História*, São Paulo, n. 55, p.395-399, 1977.
- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.
- CANABRAVA, Alice Piffer. *O comércio no Rio da Prata 1580-1640*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O desenvolvimento da cultura do algodão na província de São Paulo, 1861-1875*. São Paulo: T. A. Queirós, 1984.
- CÂNDIDO, António. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Rates do Brasil* 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*, São Paulo, n. 1, out, 1973.
- CAPELATO, Maria Helena, GLEZER, Raquel, FERLIM, Vera Lúcia. Escola uspiana de História. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 349-358, 1994.
- CARDOSO, Ciro F. Santana. *Ensaio nacionalistas*. Rio de Janeiro: Campus,

1988.

CARDOSO, Ciro F. Santana, VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. , BRIGNOLI, Héctor Perez. *05 métodos da História*, Riode janeiro: Graal, 1981.

CORREIA, Mariza. Traficantes do excêntrico. Os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 6, p. 79-98, 1988.

COSTA, João Cruz. *O desenvolvimento da Filosofia no Brasil no século XIX e a evolução histórica nacional*. São Paulo: Ind. Gráf. José Magalhães, 1950.

DIAS, Maria Opila da Silva. *O fardo do homem branco*: Southey, historiador do Brasil. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.

DIEHL, Astor António. *A cultura historiográfica nos anos 80: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira*. Porto Alegre: Evangraf, 1993.

\_\_\_\_\_. *A matriz da cultura histórica brasileira: do crescente progresso otimista à crise da razão histórica* Porto Alegre: EDPUCRS, 1993.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à nova História*. Tradução de Dulce da Silva Ramos; prefácio de Elias Thomé Saliba. São Paulo: Ensaio / Educamp, 1992.

DRUMMOND, José. *O movimento tenentista: a intervenção política de oficiais jovens*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELLIS JR., Alfredo. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1934.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1985. 3v. \_\_\_\_\_ . *História*. Introdução e organização de Carlos Guilherme Mota. São Paulo: Ática, 1978.

\_\_\_\_\_. O homem do século XVI. *Revista de História*, São Paulo, n. 1950. 1 -

\_\_\_\_\_ . *Un destin: Martin Luther*. Paris: Rieder, 1960.

FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. Projeto História*, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. Simpósio sobre o problema da pós-graduação em História e historiografia brasileira. *Revista de História*, São Paulo, v. LV n. 110, p. 429-432, 1977.

FRANÇA, Eduardo de Oliveira. A teoria geral da História. *Revista de História*, São Paulo, n. 7, 1951.

\_\_\_\_\_. Em torno de Luiz XIV: considerações a propósito de um livro recente. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, p.345-364, out./dez., 1951.

\_\_\_\_\_. O testamento de um historiador: Marc Bloch. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, 1951. .

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a função cultural da História. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, 1951.

\_\_\_\_\_. *Portugal na época da restauração*. Tese de cátedra, 1951.

\_\_\_\_\_. Um problema: a traição dos cristãos novos em 1624. *Revista de História*, São Paulo, n. 83, 1970.

- \_\_\_\_\_. A recepção dos Annales no Brasil. Entrevista concedida a Renato Melo em 14/08/88.
- \_\_\_\_\_. O ofício de Historiador. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, p.253-269, out/dez., 1951.
- \_\_\_\_\_. *O poder real em Portugal e as origens do absolutismo*. São Paulo: Boletim LXVIII, USP, n. 6, 1946.
- \_\_\_\_\_. O testamento de um historiador: Marc Bloch. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, p. 433-442, out./dez., 1953, p. 434.
- \_\_\_\_\_. Um professor de História. *Estudos avançados*, v. 8, n. 22, p. 151-160, set/dez. 1994.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As ideias estão no lugar. In: *Cadernos de Debate*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- FREITAS, Marcos César de. (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 29. ed. São Paulo: Record, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- GLÉMSSON, Jean, Uma História entre duas erudições ( notas sobre algumas práticas e alguns dogmas da atual historiografia francesa. *Revista de História*, São Paulo, n. 110, 1977.
- GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz L. Salgado. A revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e os temas de sua historiografia (1839-1857). Conferência pronunciada no IHGB no dia 14 de setembro de 1989.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 194.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil* São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IGLÉSÍAS, Francisco. A pesquisa histórica no Brasil. *Revista de História*, São Paulo, n. 88, p.373-415, 1971.
- \_\_\_\_\_. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mónaco, D'ALESSIO, Márcia Mansor. Produção acadêmica de pós-graduação em História da PUC-SP. *Projeto História*, São Paulo, 1993.
- JONOTTI, Aldo. Historiografia brasileira e a teoria da fronteira natural. *Revista de História*, São Paulo, n. 101, 1975.
- LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. (Dir.). *História: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea: a História em questão*. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *História e historiografia: Brasil pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

- LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro: Forense, 1975.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 2.ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1969.
- LOPES, Sônia. O cristão-novo Bento Teixeira: cripto-judaísmo no Brasil colônia. *Revista de História*, São Paulo, n. 108, p. 549-554, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Demografia histórica: orientações técnicas e metodológicas*. São Paulo: Pioneira, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Caiçara, terra e população*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- MARTINIÈRE, Guy. A Escola dos Annales e a América Latina. *Revista de Ciências Sociais*, Ceará, n. 1 / 2, p. 1-21, 1983-1984.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/Edusp, v. 3 e 4, 1977.
- MARTIUS, Karl F. Von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista Trimestral de História e Geografia, n. 24, jan. 1845.
- MOTTA, Carlos Guilherme. *Ideia de revolução no Brasil (1789-1801)*. 2 ed.; São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Presença francesa no movimento democrático de 1798*. Bahia: Itapuã, 1969.
- MELLO, Astrogildo Rodrigues de. Os estudos históricos no Brasil. *Revista de História*, São Paulo, n. 6, 1951.
- \_\_\_\_\_. O comércio europeu nos séculos XV e XVI e o florescimento de Espanha e Portugal. *Boletim*, São Paulo, n. 20, FFCL-USP, 1940.
- MONTAGNA, Wilson. As novas influências metodológicas na historiografia brasileira. *Projeto História*, São Paulo, p. 7-14, 1985.
- MOTA, Carlos Guilherme. História contemporânea da cultura: os anos 50 - linhas de produção cultural. *Revista de História*, São Paulo, n. 111, p. 155-175, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1990.
- MOTA, Giselda. Para a história das mentalidades: "La vida de Lazarillo de Formes". *Estudos Históricos*, Marília, n. II, p. 125-234, 1972.
- NADAI, Elza. A escola pública contemporânea: os currículos oficiais de História e o ensino temático. *Revista brasileira de História*, São Paulo, p. 106, set.85/fev. 86.
- NARDY, Carlos Alberto. Lucien Febvre. O problema da consciência e da realidade. *Revista de História*, São Paulo, n. 82, p.391-398, 1970.
- NOVAIS, Fernando. Braudel e a "missão francesa". *Estudos avançados*, São Paulo, v. 8, n.22, p. 161-166, set/dez., 1994.
- \_\_\_\_\_. A Universidade e a pesquisa histórica: apontamentos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 4, n. 8, jan./abr. 1990.

NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia*. São Paulo: Perspectiva, 1972. . A pesquisa histórica sobre o cristão-novo no Brasil. *Revista de História*, São

- Paulo, a 87, p. 493-506, 1971.
- OLÁBARRI, Ignacio. "New" New History. *History and theory*, Middletown: Beiheft, n. 1, 1995.
- ORTIZ, Renato. Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 27, p. 163-175 Jul. 1990.
- PANTALEÃO, Olga. A penetração comercial da Inglaterra na América Espanhola 1713- 1783. (s/r)
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil* São Paulo: Ática, 1990.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Algumas interrogações sobre as tendências recentes da historiografia brasileira: a emergência do "Novo" e a crítica ao racionalismo. *LPH/Revista de História*, v. 3, n. 1, p. 108-126, 1992.
- \_\_\_\_\_. Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. *Cadernos de Estudos*, Porto Alegre, n. 3, maio 1991.
- PICCAROLLO, António. Augusto e seu século. *Boletim*, nº 10, FFCL-USP, São Paulo, 1939.
- PRADO Jr. Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 10. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- \_\_\_\_\_. *História econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *História*. (Org.). Francisco Iglésias. São Paulo: Ática, 1982.
- PRADO, J. F. de Almeida. *Primeiros povoadores do Brasil: 1500-1530*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Pernambuco e as capitais do norte do Brasil: 1530-1630*. Cia. Ed. Nacional. 1938.
- QUEIRÓS, Maria Isaura P. de .Desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e contribuição europeia: o caso brasileiro. *Ciência e cultura*, n. 41, p. 378-388, 1994.
- QUINTAS, Amaro. Gilberto Freyre e a historiografia brasileira. *Revista de História*, São Paulo, a 83, p. 189-194, 1970.
- REIS, José Carlos. *A História, entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Ática, 1996. . *Annales: a renovação da História*. Ouro Preto: UFOP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.
- ROCHA, Francis. Algumas notas sobre a polémica entre novos e velhos temas da História. *Projeto História*, São Paulo, n. 4, p. 15-20, 1985.
- RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_. *História e historiadores do Brasil* São Paulo: Fulgor, 1965.
- \_\_\_\_\_. *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *História combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RODRIGUES, Maria Regina da Cunha. Prefácio. *Revista de História*, São Paulo, 1970.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SIMÕES DE PAULA, Eurípedes. As origens do latifúndio: da "villa" romana aos engenhos e fazendas do Brasil colonial. *Revista de História*, São Paulo, n. 84, p. 289-305, 1970.

\_\_\_\_\_. Algumas considerações sobre a contribuição da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a historiografia brasileira. *Revista de História*, São Paulo, v. LTII, n. 88, p.425-451, out./nov. de 1971.

\_\_\_\_\_. *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*. São Paulo: Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Universidade de São Paulo, n.3, 1942.

\_\_\_\_\_. Tartesso e a rota do estanho. *Estudos ibero-atlânticos*, São Paulo, Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.20, Universidade de São Paulo, 1940.

SOUZA, Laura de Meilio e. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. Coleção dirigida por Fernando Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1.

TOLEDO, Caio. Teoria e ideologia na perspectiva do ISEB. in: *Inteligência brasileira* São Paulo: Brasiliense, 1986.

WEHLING, Arno. Fundamentos e virtualidades da epistemologia da História: algumas questões. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 147-169, 1992.

\_\_\_\_\_. Historicismo e concepção de história nas origens do IHGB. In: *Origens do IHGB*. Rio de Janeiro: O Instituto, 1989. pp. 43-57, p. 45.